UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)

ELIANE DE JESUS BRITO

MEMÓRIA DISCURSIVA E EFEITOS-SENTIDO DE DIVISÃO DO BRASIL EM PROCESSOS DE ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA
2016

ELIANE DE JESUS BRITO

MEMÓRIA DISCURSIVA E EFEITOS-SENTIDO DE DIVISÃO DO BRASIL EM PROCESSOS DE ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Sentido e Discurso

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Conceição Fonseca-Silva

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2016

Brito, Eliane de Jesus
J58m Memória discursiva e efeitos-sentido de divisão do Brasil em processos de eleições presidenciais; orientadora Maria da Conceição Fonseca-Silva; - - Vitória da Conquista, 2016.
84f.

Dissertação (mestrado em Linguística). - Programa de Pós-Graduação em Linguística Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2016.

1. Discurso. 2. Efeitos-sentido. 3. Memória discursiva. 4. Posição-sujeito. I. Fonseca-Silva, Maria da Conceição. II Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. III. Título.

Catalogação na fonte: Elinei Carvalho Santana – CRB 5/1026
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Discursive memory and sense-effects of division of Brazil in processes of presidential elections

Palavras-chave em inglês: Discourse. Effect-sense. Discursive Memory. Subject-position.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Profa. Dra. Maria da Conceição Fonseca-Silva (Presidente-Orientadora); Profa. Dra. Márcia Helena de Melo Pereira (UESB); Profa. Dra. Rosa Helena Blanco Machado (UNEB)

Data da defesa: 19 de fevereiro de 2016

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

ELIANE DE JESUS BRITO

MEMÓRIA DISCURSIVA E EFEITOS-SENTIDO DE DIVISÃO DO BRASIL EM PROCESSOS DE ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data de aprovação: 19 de fevereiro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria da Conceição Fonseca Silva (UESB)
(Orientadora)

Márcia Helena de Melo Pereira
Profa. Dra. Márcia Helena de Melo Pereira (UESB)

Rosa Helena Blanco Machado
Profa. Dra. Rosa Helena Blanco Machado (UNEB)

Aos meus pais, Auriélio e Eliene.
Ao meu esposo, Eder.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, meu guia e protetor, por tudo que tem feito em minha vida.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, por ter oportunizado minha formação em nível de mestrado, e também à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela Bolsa de Mestrado.

À Profa. Dra. Maria da Conceição Fonseca-Silva, minha orientadora, pelas instruções e por acreditar no meu trabalho. Agradeço-lhe o acompanhamento desde os anos de Iniciação Científica.

À Profa. Dra. Edvania Gomes da Silva, pela oportunidade de realizar o Tirocínio Docente sob a sua orientação.

À Profa. Dra. Rosa Helena Blanco Machado e à Profa. Dra. Marcia Helena de Melo Pereira, pela participação na Banca de Exame de Qualificação e na Banca de Defesa, pela leitura cuidadosa e pelas contribuições.

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Linguística e do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, pela presteza.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPADis), pela troca de experiências. Agradeço, especialmente, a Mayara, pelos conhecimentos partilhados.

Aos colegas do mestrado, pelos momentos compartilhados.

À minha família: meus pais, Auriélio e Eliene, pelos momentos de aprendizado; à minha avó, Áurea, pelo carinho; às minhas irmãs, Elievana, Meiriele e Zaly, pela compreensão.

A Eder, meu esposo e companheiro, pelas orações, pelo amor, carinho, paciência, dedicação e compreensão. Agradeço-lhe por acreditar em mim.

Agradeço ao Pr. Jorge, à Pra. Dionice, Luzane, Naiara, Simone, Séfhora, pelas orações.

A Thiago, pelas contribuições no período da Iniciação Científica.

Por fim, muito obrigado a todos que torceram por mim.

RESUMO

Neste trabalho, apresentamos o resultado da pesquisa que teve como objetivo investigar os efeitos-sentido de divisão do Brasil por classe social, os efeitos-sentido de divisão do Brasil por região e os efeitos-sentido de divisão do Brasil entre petismo e antipetismo materializados em sequências discursivas de textos que discursivizam sobre as Eleições Presidências de 1989, 2006, 2010 e 2014. O *corpus* da pesquisa é constituído por reportagens veiculadas nas revistas de informação *Veja* e *Istoé* nos anos de 1989 a 2014 e por *posts* e comentários veiculados no *Facebook* no ano de 2014. Na organização do *corpus*, separamos as reportagens e os *posts* e comentários do *Facebook* em pastas específicas pelos seguintes eixos temáticos: divisão do Brasil por classe social, divisão do Brasil por região e divisão do Brasil entre petismo e antipetismo. Após essa organização, recortamos sequências discursivas (compreendidas como sequências discursivas e formulações imagéticas) e efetuamos o processo analítico. Na análise, mobilizamos conceitos teóricos da Análise de Discurso (AD) inaugurada por Pêcheux. Os resultados indicaram que na discursivização da mídia sobre as Eleições Presidenciais do período da redemocratização do Brasil funciona efeitos-sentido de divisão do Brasil por classe social, efeitos-sentido de divisão do Brasil por região e efeitos-sentido de divisão do Brasil entre petismo e antipetismo. Indicaram ainda que, na discursivização da mídia sobre as Eleições Presidenciais de 2014, há o funcionamento de uma memória discursiva que retoma e atualiza sentidos sobre a "divisão do Brasil".

PALAVRAS-CHAVE

Discurso. Efeitos-sentido. Memória discursiva. Posição-sujeito.

ABSTRACT

In this work, we present the results of a research that aimed to investigate the effects-sense of Brazil´s division by social class, the effects-sense of Brazil's division by region and the effects-sense of Brazil's division between pro and anti-Workers Party or *petismo* and *antipetismo,* in sequences of texts that materializes discourses on the Presidential Elections in 1989, 2006, 2010 and 2014. The *corpus* of the survey consists of articles published in the weekly news magazines Veja and Isto É in the years 1989 to 2014, in addition to posts and comments made on Facebook in the year 2014. During the organization of the *corpus* we separate the articles and Facebook posts and comments in specific folders according to the following themes: Brazil division by class, Brazil division by region and division of Brazil between “petismo” and “antipetismo”. After that, we cut discursive sequences (understood as linguistic formulations and image formulations) and we made the analytical process. In the analysis, we mobilize theoretical concepts of Discourse Analysis (AD) inaugurated by Pêcheux. The results indicated that the Media´s discursivization on the Presidential Elections during Brazilian re-democratization period produced the effects-sense of Brazil's division by class, the effects-sense by region and the effects-sense of division of Brazil's between “petismo” and “antipetismo”. They also indicated that in the media discusivization on the Presidential Elections of 2014 worked a discursive memory that took up and updated senses about the "Divisions of Brazil”.

KEY WORDS

Discourse. Effect-sense. Discursive Memory. Subject-position

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Reportagens sobre a divisão do Brasil veiculadas em *Veja* entre setembro de 1989 a dezembro de 2014 15
Tabela 2 – Reportagens sobre a divisão do Brasil veiculadas em Istoé entre junho de 2002 a dezembro de 2014 15
Tabela 3 – Total de reportagens sobre a divisão do Brasil veiculadas em Veja e Istoé entre setembro de 1989 a dezembro de 2014 15
Tabela 4 – Total de posts e comentários do Facebook sobre a divisão do Brasil nas Eleições de 2014 veiculados entre os meses de outubro a dezembro de 2014 16
Tabela 5 – Reportagens sobre a divisão socioeconômica do Brasil veiculadas em Veja entre setembro de 1989 a dezembro de 2014 17
Tabela 6 – Reportagens sobre a divisão socioeconômica do Brasil veiculadas em Istoé entre novembro de 2006 a dezembro de 2014 17
Tabela 7 – Reportagens sobre a divisão geográfica do Brasil veiculadas em 17
Tabela 8 – Reportagens sobre a divisão geográfica do Brasil veiculadas em Istoé entre novembro de 2006 a dezembro de 2014 18
Tabela 9 – Reportagens sobre a divisão entre petismo e antipetismo no Brasil veiculadas em Veja entre abril de 2014 a novembro de 2014 18
Tabela 10 – Reportagens sobre a divisão entre petismo e antipetismo no Brasil veiculadas em Istoé entre novembro de 2014 a dezembro de 2014 18
Tabela 11 – Reportagens sobre a divisão socioeconômica, geográfica e entre petismo e antipetismo no Brasil veiculadas em Veja e Istoé entre setembro de 1989 a dezembro de 2014 18
Tabela 12 – Total de posts e comentários do Facebook sobre a divisão entre petismo e antipetismo e sobre ofensas e discriminação nas Eleições de 2014 veiculados entre os meses de outubro a dezembro de 2014 19

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 10

1.1 Considerações e Justificativa 10

1.2 Considerações sobre o *corpus* e o percurso metodológico da pesquisa 13

1.3 Questões sobre o referencial teórico analítico 20

1.4 Organização dos capítulos 25

2 MEMÓRIA DISCURSIVA E EFEITOS-SENTIDO DA DIVISÃO DO BRASIL POR CLASSE SOCIAL 27

2.1 Considerações iniciais 27

2.2 Efeitos-sentido da divisão do Brasil por classe social: Eleições de 1989 27

2.3 Efeitos-sentido da divisão do Brasil por classe social: Eleições de 2006 34

2.4 Efeitos-sentido da divisão do Brasil por classe social: Eleições de 2014 38

2.5 Considerações finais 42

3 MEMÓRIA DISCURSIVA E EFEITOS-SENTIDO DA DIVISÃO DO BRASIL POR REGIÃO 44

3.1 Considerações iniciais 44

3.2 Condições de produção históricas acerca da divisão regional do Brasil 44

3.3 Efeitos-sentido de divisão do Brasil por região: Eleições de 2006 47

3.4 Efeitos-sentido da divisão do Brasil por região: Eleições de 2010 51

3.5 Efeitos-sentido de divisão do Brasil por região: Eleições de 2014 54

3.6 Considerações finais 58

4 MEMÓRIA DISCURSIVA E EFEITOS-SENTIDO DA DIVISÃO DO BRASIL ENTRE PETISMO E ANTIPETISMO 60

4.1 Considerações iniciais 60

4.2 O Partido dos Trabalhadores (PT) nas eleições Presidenciais de 1989 a 2014 61

4.3 Efeitos-sentido de divisão do Brasil nas Eleições de 2014 62

4.4 O *Facebook* e sua contribuição para a repercussão das Eleições de 2014 64

4.5 Efeitos-sentido de petismo e antipetismo nas eleições de 2014 67

4.6 Efeitos-sentido da divisão do Brasil entre a posição-sujeito de eleitor petista e a posição-sujeito de eleitor antipetista nas eleições de 2014 72

4.7 Considerações finais 77

5 CONCLUSÃO 78

REFERÊNCIAS 81

1 INTRODUÇÃO

1.1 Considerações e Justificativa

O interesse em desenvolver pesquisa relacionada a questões políticas vem desde o período em que participamos, durante três anos de Iniciação Científica, de projetos de pesquisa relacionados à discursivização sobre o funcionamento da posição-sujeito em que a mulher se identifica nas esferas de poder político.

Entre 2010-2011, 2011-2012 e 2012-2013, sob vigência da bolsa Fapesb, participamos, respectivamente, dos seguintes projetos de pesquisa: Memória discursiva, corrupção e mulheres que atuam no poder político legislativo: estudo de casos; Memória discursiva e mulher como sujeito político na esfera do poder legislativo; e Memória discursiva, mulher como sujeito político nas esferas de poder político no Brasil. Esses projetos, vinculados ao projeto temático Memória discursiva, mulher e esferas de poder político, foram desenvolvidos no GPADis e coordenados pela Profa. Dra. Maria da Conceição Fonseca-Silva. O objetivo dos subprojetos era investigar a forma como a imprensa discursivizou sobre a mulher na posição-sujeito político corrupto na esfera do poder legislativo.

A questão, entretanto, dentro do âmbito político que nos despertou interesse para desenvolver pesquisa no curso de mestrado diz respeito ao discurso de divisão do Brasil nas eleições Presidenciais de 1989 a 2014. O interesse por esta questão surgiu a partir do momento em que observamos uma circulação, na mídia e na sociedade, do discurso de que o Brasil emergiu dividido, das urnas, nas Eleições Presidenciais de 2014.

As eleições Presidenciais de 2014 ocorreram dentro de certas condições de produção históricas que se apresentam, conforme Foucault (1969), como condições de possibilidade. Segundo o autor,

> As condições para que apareça um objeto de discurso, as condições históricas para que dele se possa "dizer alguma coisa" e para que dele várias pessoas possam dizer coisas diferentes, as condições para que ele se inscreva em um domínio de parentesco com outros objetos, para que possa estabelecer com eles relações de semelhança, de vizinhança, de afastamento, de diferença, de transformação - essas condições, como se vê, são numerosas e importantes (FOUCAULT, 1969, p. 50).

Considerando essa definição proposta por Foucault (1969), observamos que as Eleições de 2014 ocorreram dentro de certas condições históricas que possibilitaram o (re)aparecimento

do discurso de "divisão do Brasil". Em junho de 2013, por exemplo, ano anterior às eleições, o país havia sido marcado por uma das maiores manifestações populares da história política do Brasil. Em diferentes cidades, simultaneamente, milhares de pessoas se mobilizaram e foram às ruas reclamar, inicialmente, o aumento dos preços das passagens do transporte coletivo e, posteriormente, protestaram também contra a Copa das Confederações Fifa de 2013, cuja realização coincidia com as manifestações, gastos com a Copa do Mundo Fifa de 2014, corrupção, dentre outros. Essas mobilizações foram organizadas através das redes sociais e tiveram como precursores integrantes do Movimento passe livre (MPL).

As manifestações de junho de 2013 e os escândalos de corrupção política que apareceram nos 12 anos de governo do PT[1], em especial, o escândalo do Mensalão[2] e o escândalo da Operação Lava Jato (em curso), que coincidiram com o período eleitoral das Eleições Presidenciais de 2006 e 2014, respectivamente, contribuíram para que ocorresse uma acentuada queda da popularidade da presidenta da República Dilma Rousseff (PT)[3].

Dentro dessas condições de produção históricas, a Eleição Presidencial de 2014 foi marcada também pela morte do candidato Eduardo Campos (PSB) e, posteriormente, por ter sido a eleição presidencial mais acirrada da história política do Brasil. No segundo turno dessas eleições, a candidata Dilma Rousseff (PT) foi reeleita com uma diferença de apenas 3,28% dos votos, em relação ao candidato Aécio Neves (PSDB), uma diferença menor do que a das eleições de 1989 na qual o candidato Collor de Mello (PRN) venceu o candidato Lula (PT) por uma diferença de 4,89% dos votos. Embora a Eleição Presidencial de 2014 marque a história política do Brasil como a Eleição Presidencial mais acirrada do país, outro fator se destaca e desperta a nossa atenção nessas eleições: a repercussão nas redes sociais.

As novas mídias, especialmente o *Facebook*, aparecem nessas eleições (2014) como o fator que a difere das eleições anteriores. A popularidade dessa rede social no ano de 2014, indicada pelo grande número de pessoas que tem acesso a ela, contribuiu para uma grande repercussão das Eleições presidenciais de 2014. Nessa repercussão, considerando, com base em Pêcheux (1983a), que a memória discursiva retoma e possibilita novos sentidos e que, por meio do encontro de uma memória e de uma atualidade, segundo Pêcheux (1983b), surge o acontecimento, o fato novo, investigamos quais sentidos são retomados e reatualizados nessas eleições.

---

[1] Fonseca-Silva (2009) trata do fenômeno de corrupção e mostra que corrupção está presente em todos os períodos de governos no Brasil, anteriores ao PT. Ver também Pinto (2012), Oliveira (2013), Santos (2016).
[2] Ver Machado (2013).
[3] Ver Barbosa (2014).

Considerando, assim, a circulação, na mídia e na sociedade, do discurso de que o Brasil emergiu dividido, das urnas, nas Eleições Presidenciais de 2014 e objetivando saber se ele havia circulado em Eleições Presidenciais anteriores a essas eleições, levantamos as seguintes perguntas: O Brasil emergiu dividido, das urnas, nas Eleições Presidenciais de 2014? Na discursivização da mídia sobre as Eleições Presidenciais do período da redemocratização do Brasil, quais efeitos-sentido de "divisão do Brasil" podem ser identificados?

Formulado o problema de pesquisa, propomos as seguintes hipóteses: i) O Brasil não surgiu, mas ressurgiu dividido nas Eleições Presidenciais de 2014; ii) Na discursivização da mídia sobre as Eleições Presidenciais de 2014, há o encontro de uma memória e de uma atualidade de efeitos-sentido sobre a "divisão do Brasil" e sobre "divisão"[4]; iii) Na discursivização da mídia sobre as Eleições Presidenciais de 1989 a 2014, funcionam efeitos-sentido de divisão do Brasil por classe social, efeitos-sentido de divisão do Brasil por região e efeitos-sentido de divisão do Brasil entre petismo e antipetismo.

Objetivando responder às questões propostas e confirmar ou refutar as hipóteses levantadas, mobilizamos o dispositivo teórico analítico da Análise de Discurso (doravante AD), no qual a língua é base material (linguístico-histórica) significante, em que se inscrevem as repetições, as falhas, os deslocamentos, os equívocos, produzindo efeitos-sentido. Ressaltamos, entretanto, que a língua é uma das bases em que os discursos se materializam, mas não a única, visto que outros reais, além do real da língua, como o imagético, podem ser descritos (FONSECA-SILVA, 2003; 2007b). O discurso, como veremos mais adiante no tópico 1.3, é definido, na AD, como efeito de sentido ou efeito-sentido entre lugares determinados na estrutura social.

Considerando que a Análise de Discurso é uma das disciplinas de interpretação (PÊCHEUX, 1983b), a pesquisa que originou este trabalho teve como objetivo, face à possibilidade da compreensão dos processos discursivos possíveis, não interpretar o objeto submetido a ela, mas compreendê-lo em seu modo de significar, ou seja, operar gestos de interpretação sobre efeitos-sentido de divisão do Brasil por classe social, efeitos-sentido de divisão do Brasil por região e efeitos-sentido de divisão do Brasil entre petismo e antipetismo materializados em reportagens das revistas *Veja* e *Istoé* que discursivizam sobre as Eleições Presidências de 1989, 2006, 2010 e 2014[5] e em *posts* e comentários do *Facebook* que

[4] "Divisão" não refere-se, especificamente, à metade, mas a uma segregação de partes distintas.

[5] Em reportagens das revistas *Veja* e *Istoé* que discursivizam sobre as Eleições Presidenciais de 1994, 1998 e 2002 não identificamos o funcionamento dos efeitos-sentido de divisão do Brasil por classe social, por região nem entre petismo e antipetismo. Trataremos sobre essa questão no tópico 1.2.

discursivizam sobre as Eleições Presidenciais de 2014. Essas mídias são consideradas no nosso trabalho como *lugar de memória discursiva* (FONSECA-SILVA, 2007a; 2009) e como lugar de materialização de diferentes discursos que circulam na sociedade.

Acreditamos que este trabalho tem relevância por dar continuidade a gestos de interpretação de questões relacionadas à política do Brasil, nossa temática de estudo desde o período em que participamos da Iniciação Cientifica; por apresentar gestos de interpretação de efeitos-sentido da política do Brasil, contribuindo com o projeto temático "Discursos sobre o poder político, efeitos-sujeito e efeitos-sentido em diferentes materialidades significantes", vinculado à linha de pesquisa Sentido e Discurso, do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UESB e coordenado pela Profa. Dra. Maria da Conceição Fonseca-Silva.

Isto posto, apresentamos, a seguir, algumas considerações sobre: i) constituição do *corpus*; ii) percurso metodológico da pesquisa; referencial teórico analítico; iii) organização dos capítulos da dissertação.

1.2 Considerações sobre o *corpus* e o percurso metodológico da pesquisa

O *corpus* deste trabalho é constituído por reportagens veiculadas nas revistas de informação *Veja* e *Istoé* nos anos de 1989 a 2014 e por *posts* e comentários publicados e veiculados no *Facebook* no ano de 2014.

A escolha das revistas *Veja* e *Istoé* se justifica porque elas são as revistas de maior destaque na imprensa brasileira e porque se caracterizam como importantes suportes midiáticos que põem em circulação discursos na sociedade. A revista *Veja,* lançada em 1968 pela Editora Abril, é, segundo Fonseca-Silva (2003; 2007b; 2009), a mais comprada, a maior em assinaturas e em tiragem de exemplares no Brasil e ocupa a quinta posição dentre as revistas de informação de maior circulação no mundo. A revista *Istoé*, por sua vez, foi lançada em 1976 e ocupa o segundo lugar dentre as revistas mais lidas no Brasil.

Além disso, a nossa escolha por esses periódicos se justifica porque desde a Iniciação Científica já desenvolvíamos trabalhos com base em reportagens veiculadas nessas revistas que foram organizadas em um *corpus* do banco de dados do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPADis), com a colaboração de alunos de Iniciação Científica e da pós-graduação e de professores que atuam nesse grupo de pesquisa. Os trabalhos desenvolvidos nesse grupo, a partir de recortes desse banco de dados, abordam questões sobre o funcionamento discursivo

de posições-sujeito a que homens e mulheres se identificam e se subjetivam nas esferas de poder político.

A nossa escolha pelo *Facebook*, dentre as novas mídias, justifica-se pelos seguintes fatores: i) é uma rede social muito popular que, desde a sua criação em 2004 até os dias atuais, vem se expandindo cada vez mais e adquirindo influência mundial; ii) cresceu o número de usuários do *Facebook* de 2010 para 2011, passando, de um ano para o outro, de 8.821.880 para 35.157.560[6] de usuários, deixando, assim, o Brasil atrás apenas dos Estados Unidos no número de usuários que acessam o *Facebook* diariamente[7]; iii) contribui na repercussão das Eleições Presidenciais de 2014.

A partir da perspectiva de que as revistas e os suportes midiáticos em geral não criam discursos, mas põem em circulação discursos que estão em funcionamento na sociedade (FONSECA-SILVA, 2007b), e da perspectiva de que "toda e qualquer materialidade simbólica de significação funciona como um lugar de memória discursiva" (FONSECA-SILVA, 2007a, p. 19) é que podemos pensar nas revistas *Veja* e *Istoé* e no *Facebook* como lugar de memória discursiva (FONSECA-SILVA, 2007a; 2009) e como lugar de materialização de diversos discursos que circulam na sociedade.

Ressaltamos, ainda, que a mídia, concebida por Fonseca-Silva (2007a) como *lugar de memória discursiva* na sociedade contemporânea, caracteriza-se, segundo Fonseca-Silva (2003; 2007b; 2009), como meio de espetacularização da vida e da política. Segundo a autora, "uma significativa parcela da atividade política na contemporaneidade se realiza na dimensão pública instituída pela rede de mídias" (FONSECA-SILVA 2009, p. 193). Feitas essas explanações, consideramos importante apresentar o percurso metodológico da pesquisa que resultou o trabalho de dissertação.

Objetivando organizar um *corpus* de pesquisa para configuração do problema, e considerando a repercussão das Eleições Presidenciais de 2014, na mídia, realizamos, inicialmente, a leitura de reportagens veiculadas nas revistas *Veja* e *Istoé*, em 2014, que discursivizam sobre as Eleições Presidenciais ocorridas neste ano. No percurso de leitura, o funcionamento de um discurso chamou a nossa atenção: *o discurso de divisão do Brasil nas Eleições Presidenciais de 2014*. Considerando o funcionamento desse discurso e objetivando investigar se ele já havia circulado antes, em reportagens sobre Eleições Presidenciais

---

[6] Disponível em: <http://www.nickburcher.com/2012/01/Facebook-usage-statistics-by-country.html>. Acesso em: 03 de nov. de 2015.

[7] Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/09/brasil-e-o-2-pais-com-mais-usuarios-que-entram-diariamente-no-Facebook.html>. Acesso em: 03 de nov. de 2015.

anteriores a 2014, passamos à leitura de reportagens veiculadas em *Veja* e *Istoé*, disponíveis *online*, sobre as Eleições Presidenciais de 1989, 1994, 1998, 2002, 2006 e 2010.

Em um primeiro momento, identificamos, selecionamos, catalogamos e quantificamos reportagens de edições das revistas *Veja* e *Istoé*, disponíveis *online*, que discursivizavam sobre uma divisão do Brasil (por candidato, região, classe social, nível de escolaridade, gênero e entre partidos políticos), nas Eleições Presidenciais de 1989, de 1994, de 1998, de 2002, de 2006, de 2010 e de 2014. As reportagens foram catalogadas e quantificadas, em pastas específicas, por número de edição, data e ano eleitoral, conforme demonstramos nas tabelas 1, 2 e 3, a seguir:

Tabela 1 – Reportagens sobre a divisão do Brasil veiculadas em *Veja* entre setembro de 1989 a dezembro de 2014

Ano eleitoral	Número de reportagens	Número de capas
1989	7	5
1994	0	0
1998	0	0
2002	7	0
2006	5	1
2010	3	0
2014	6	1
Total	28	7

Fonte: Elaboração própria

Tabela 2 – Reportagens sobre a divisão do Brasil veiculadas em Istoé entre junho de 2002 a dezembro de 2014

Ano eleitoral	Número de reportagens	Número de capas
2002	3	0
2006	1	1
2010	6	0
2014	6	0
Total	16	1

Fonte: Elaboração própria

Tabela 3 – Total de reportagens sobre a divisão do Brasil veiculadas em Veja e Istoé entre setembro de 1989 a dezembro de 2014

Revistas	Total de reportagens	Número de capas
Veja* e *Istoé	44	8

Fonte: Elaboração própria

Como pode ser observado na tabela 1, nas Eleições Presidenciais de 1994 e 1998 não foram identificadas reportagens sobre "divisão do Brasil". Nessas eleições, nas quais o partido

dos trabalhadores (PT), representado pelo candidato Luís Inácio Lula da Silva, ainda estava em fase de ascensão, os votos que elegeram o candidato Fernando Henrique Cardoso (PSDB) à Presidência da República vieram, significativamente, de todas as regiões e classes sociais.

Nas Eleições Presidências de 2002, conforme apresentado nas tabelas 1 e 2, identificamos 10 reportagens que discursivizam sobre "divisão do Brasil". Essas reportagens discursivizam sobre uma divisão dentro de um partido político, o PMDB, sobre uma divisão entre partidos políticos (PT x PSDB) e acerca de uma divisão entre os candidatos que representam esses partidos (Lula e José Serra). Nessa divisão entre candidatos, os votos que elegeram o candidato Luís Inácio Lula da Silva (PT) à Presidência da República vieram, significativamente, de todas as regiões e classes sociais, assim como ocorreu com o candidato Fernando Henrique Cardoso (PSDB) nas eleições de 1994 e 1998.

Considerando a contribuição das novas mídias na repercussão das Eleições Presidenciais de 2014 e no processo de intensificação de uma divisão do Brasil nessas eleições, realizamos a leitura, identificação, seleção, catalogação e quantificação de alguns *posts* e comentários do *Facebook* que discursivizavam sobre a divisão do Brasil nas eleições de 2014 ou que apresentavam um discurso de ofensa e (ou) discriminação. Os *posts* e comentários foram catalogados e quantificados, em pastas específicas, por página pessoal ou grupo do *Facebook*[8], conforme indicamos na tabela 4:

Tabela 4 – Total de posts e comentários do Facebook sobre a divisão do Brasil nas Eleições de 2014 veiculados entre os meses de outubro a dezembro de 2014

Página pessoal e grupos do *Facebook*	***Posts***	**Comentários**
G	4	12
JE	8	46
SFSB	7	50
PCN	8	49
OP	3	9
RLF	6	12
RMV	5	19
FA	3	25
LF	1	3
JD	6	35
Total	51	260

Fonte: Elaboração própria

[8] Na tabela 4, e também na tabela 12 apresentada na página 21, G, OP, RLF, RMV, FA e LF representam nomes de páginas pessoais do *Facebook*. Já SFSB, PCN, JD e JE representam nomes de grupos do *Facebook*.

Ao realizarmos essa primeira etapa da catalogação do *corpus*, observamos uma regularidade no que diz respeito aos efeitos-sentido de divisão do Brasil por classe social, por região e entre petismo e antipetismo. Por conta da necessidade de um recorte metodológico, estabelecemos uma nova seleção e organização das reportagens e dos *posts* e comentários do *Facebook*. Assim, em uma nova etapa de catalogação do *corpus*, já pensando em uma divisão dos capítulos da dissertação, organizamos as reportagens, *posts* e comentários em pastas específicas, conforme demonstramos nas tabelas de 5 a 12, apresentadas a seguir, pelos seguintes eixos temáticos: divisão do Brasil por classe social, divisão do Brasil por região e divisão do Brasil entre petismo e antipetismo.

Tabela 5 – Reportagens sobre a divisão socioeconômica do Brasil veiculadas em Veja entre setembro de 1989 a dezembro de 2014

Ano eleitoral	Número de reportagens	Número de capas
1989	6	4
2006	4	1
2010	1	0
Total	11	5

Fonte: Elaboração própria

Tabela 6 – Reportagens sobre a divisão socioeconômica do Brasil veiculadas em Istoé entre novembro de 2006 a dezembro de 2014

Ano eleitoral	Número de reportagens	Número de capas
2006	1	1
2014	3	0
Total	4	1

Fonte: Elaboração própria

Tabela 7 – Reportagens sobre a divisão geográfica do Brasil veiculadas em *Veja* entre setembro de 2006 a dezembro de 2014

Ano eleitoral	Número de reportagens	Número de capas
2006	2	0
2010	1	0
2014	2	0
Total	5	0

Fonte: Elaboração própria

Tabela 8 – Reportagens sobre a divisão geográfica do Brasil veiculadas em Istoé entre novembro de 2006 a dezembro de 2014

Ano eleitoral	Número de reportagens	Número de capas
2006	1	0
2010	1	0
2014	4	0
Total	6	0

Fonte: Elaboração própria

Tabela 9 – Reportagens sobre a divisão entre petismo e antipetismo no Brasil veiculadas em Veja entre abril de 2014 a novembro de 2014

Ano eleitoral	Número de reportagens	Número de capas
2014	2	0

Fonte: Elaboração própria

Tabela 10 – Reportagens sobre a divisão entre petismo e antipetismo no Brasil veiculadas em Istoé entre novembro de 2014 a dezembro de 2014

Ano eleitoral	Número de reportagens	Número de capas
2014	2	0

Fonte: Elaboração própria

Tabela 11 – Reportagens sobre a divisão socioeconômica, geográfica e entre petismo e antipetismo no Brasil veiculadas em Veja e Istoé entre setembro de 1989 a dezembro de 2014

Veja* e *Istoé	**Número de reportagens**	**Número de capas**
Divisão socioeconômica	15	6
Divisão geográfica	11	0
Divisão entre petismo e antipetismo	4	0
Total	30	6

Fonte: Elaboração própria

Tabela 12 – Total de posts e comentários do Facebook sobre a divisão entre petismo e antipetismo e sobre ofensas e discriminação nas Eleições de 2014 veiculados entre os meses de outubro a dezembro de 2014

Facebook	***Posts***	**Comentários**
G	1	2
JE	5	9
SFSB	3	12
PCN	3	9
OP	1	6
RLF	1	1
RMV	1	0
FA	2	3
LF	1	3
JD	5	21
Total	23	66

Fonte: Elaboração própria

Após organizarmos as reportagens e os *posts* e comentários em pastas especificas por eixo temático, recortamos sequências discursivas (compreendidas como formulações linguísticas e formulações imagéticas), para, no sentido de Pêcheux (1983b), operarmos o nosso gesto de interpretação (no batimento descrição/interpretação). Assim, as sequências discursivas analisadas no segundo capítulo são recortes de reportagens quantificadas nas tabelas 5 e 6; as sequências discursivas analisadas no terceiro capítulo são recortes de reportagens das tabelas 7 e 8; e as sequências discursivas analisadas no quarto capítulo são recortes de reportagens, *posts* e comentários do *Facebook* das tabelas 9, 10 e 12.

As sequências discursivas selecionadas e analisadas nos capítulos 2, 3 e 4 são aqui denominadas de famílias parafrásticas, "uma espécie de repetição vertical, em que a própria *memória* esburaca-se, perfura-se antes de desdobrar-se em paráfrase" (PÊCHEUX, 1983b, p. 53), pois a Análise de Discurso, campo do qual operamos nosso gesto de interpretação, distancia-se das evidências da materialidade discursiva para "olhar" ou "escutar" os efeitos-sentido que emergem dessa materialidade significante, o que explicaremos mais adiante no tópico 1.3.

A seguir, optamos (orientanda e orientadora), por apresentar algumas questões sobre o referencial teórico analítico que possibilitou o nosso gesto de interpretação das sequências discursivas, organizadas em famílias parafrásticas, nos capítulos 2, 3 e 4. Nosso gesto de interpretação implica, como mostraremos, batimento de descrição/interpretação das sequências discursivas.

Esta opção se justifica por entendermos que é repetitivo fazer um capítulo sobre a Análise de Discurso e, também, pouco produtivo, já que não apresentaremos nenhuma reflexão que pode acrescentar algo aos postulados teóricos que são bem explicados e cunhados pelos teóricos da AD em diversas obras. Preferimos apresentar, ao contrário, no tópico 1.3, uma pequena discussão sobre algumas questões do referencial teórico analítico para que o leitor, deste trabalho, possa melhor compreender o movimento de nosso gesto de leitura e de interpretação, cujos resultados apresentamos nos capítulos 2, 3 e 4, onde tentamos responder as questões e comprovar as hipóteses da pesquisa, já mencionadas no tópico 1.1.

1.3 Questões sobre o referencial teórico analítico

Ao tentar responder a questão e comprovar a hipótese levantada, mobilizamos, na análise das sequências discursivas, alguns conceitos operacionais e teóricos da Análise de Discurso (AD). Dentre os conceitos desse campo teórico analítico, destacamos, principalmente, os conceitos de ***discurso, posição-sujeito, efeitos-sentido, condições de produção e memória discursiva***. Antes de apresentarmos esses conceitos, trataremos, brevemente, sobre a conjuntura intelectual, filosófica e política, na qual nasce o projeto da disciplina Análise de Discurso de linha francesa.

Na década de 60 do século XX, conforme Fonseca-Silva (2003; 2007b), alguns estudiosos propõem realizar uma releitura do Estruturalismo. Nessa releitura, pesquisas linguísticas apresentam diversos questionamentos sobre a dicotomia *langue/parole* postulada por Ferdinand de Saussure[9], no início do século XX. Essa dicotomia foi necessária para que a Linguística lançasse as bases de cientificidade dos estudos linguísticos que precisavam ter um objeto (tomou a língua) e um método (desenvolvido e conhecido como estruturalismo)[10].

[9] Linguista cujas elaborações teóricas propiciaram o desenvolvimento da Linguística Científica ou Linguística Moderna e estabeleceram a base do pensamento sobre a linguagem em suas faces língua e fala, no século XX. Para desenvolver o pensamento saussuriano ou para questioná-lo, a produção teórica sobre língua e linguagem a partir do século XX está relacionada, de alguma forma, à obra do linguista genebrino. Ele ministrou três cursos de linguística geral na Universidade de Genebra entre 1907 e 1911. Desses cursos se produziu, após sua morte, a obra que o celebrizou, o *Cours de linguistique générale*, publicado pela primeira vez, em 1916, pelos suíços Charles Bally e Albert Sechehaye que recolheram os cadernos dos demais colegas e compilaram cuidadosamente o pensamento do mestre, a partir das anotações, conforme afirmam na Introdução do Curso. Nessa obra compilada, postula-se os conceitos basilares de uma nova ciência, a Linguística. Define o objeto dessa ciência, a língua, como uma das faces da linguagem, mostrando a diferença entre linguagem, língua e fala. Além de todo um conjunto de outros importantes conceitos, lança as bases da cientificidade para um método capaz de imprimir rigor aos estudos linguísticos, à época, o estruturalismo.

[10] Ver nota 6.

Objetivando complementar aquilo que falta à Linguística postulada por Saussure, a Sociolinguística laboviana, a Linguística da enunciação, a Linguística Textual e a Semiótica imanentista "diluem a língua nos domínios bio-psico-sociais, retomando a fala sob diversas formas, tais como: *sujeito falante, referente, contexto, situação locutor, enunciador, atos de linguagem*, etc." (FONSECA-SILVA, 2007b, p. 79). Nesses domínios, considera-se o sujeito idealista, isto é, como origem ou causa de si, o que não é problema, já que as questões colocadas nesses campos disciplinares necessitam desse conceito operacional de sujeito. Foi dessa forma que o sujeito pragmático, que tinha ficado de fora dos estudos linguísticos até a década de 60 do século XX, porque as questões postas não necessitavam desse sujeito, retorna aos estudos da língua(gem).

Ressaltamos que, ao mesmo tempo, na França, constitui-se um campo epistemológico que se estabelece pelas contribuições da Teoria das Ideologias, da Psicanálise e da Linguística. A partir da releitura conjunta das obras de Marx, Freud e Saussure, formou-se "uma corrente filosófica, epistemológica e politicamente heterogênea" (FONSECA-SILVA, 2007b, p. 79) que, objetivando promover uma renovação teórica, põe em questionamento o estatuto da concepção de sujeito idealista, uma vez que as questões colocadas nesse campo remetem a categoria de sujeito não-subjetivo, não pragmático, mas sujeito como posição. Assim, segundo Henry (1993), Foucault postula que o sujeito que lhe interessa é da ordem do discurso; Derrida, o sujeito da ordem do signo; Lacan, o sujeito do inconsciente; e Althusser, o sujeito da ideologia.

No final da década de 60, em torno dessa conjuntura intelectual, filosófica e política, como esclarece Fonseca-Silva (2007b), emerge o projeto da disciplina Análise de Discurso de linha francesa, cuja fundação se dá em torno do filosofo francês Michel Pêcheux. Assim, a AD se constitui a partir de contribuições de Foucault, Althusser, Derrida e Lacan, através da releitura do Marxismo, da Psicanálise e da Linguística. Emerge, portanto, no entremeio da Teoria das Ideologias, da Psicanálise e da Linguística, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica, ou de uma teoria não-subjetiva, para construir uma teoria do discurso, objeto de estudo, compreendendo que o discurso se materializa ou atravessa materialidades significantes como a língua e materialidades significantes imagéticas.

Inicialmente na AD, ao se discutir sobre a relação entre língua, discurso e ideologia, o discurso é tomado como a materialidade específica da ideologia e a língua, na sua opacidade não legível na sua transparência, é a materialidade específica do discurso. Posteriormente, a partir de uma abordagem sobre os gestos de interpretação, Pêcheux (1983a) começa a discutir

sobre a questão de a imagem também ser tomada como lugar atravessado por discurso. Nessa discussão, o autor vai afirmar que

> a questão da imagem encontra assim a análise de discurso por um outro viés: não mais a imagem legível na transparência, porque um discurso a atravessa e a constitui, mas a imagem opaca e muda, quer dizer, aquela da qual a memória "perdeu" o trajeto de leitura (ela perdeu assim um trajeto que jamais deteve em suas inscrições) (PÊCHEUX, 1983a, p. 55).

Dessa forma, se a imagem, assim como a língua, é opaca e, logo, atravessada pelo discurso que a constitui, ela é também materialidade de discurso. Sendo assim, como afirma Fonseca-Silva (2007b), com base em Pêcheux (1983a), a língua não é a única forma de materializar o discurso, pois, há outros reais, além do real da língua. Sobre essa questão, tomamos emprestadas as palavras de Orlandi (1996, p. 9), para explicar que não há sentido sem interpretação e que "as diferentes formas de linguagem, com suas diferentes materialidades, significam de modos distintos." A autora afirma, ainda, que "os sentidos não são indiferentes à matéria significante, a relação do homem com os sentidos se exerce em diferentes materialidades, em processos de significação diversos: pintura, imagem, música, escultura, escrita etc" (ORLANDI, 1996, p.12). É com base nessas colocações que as figuras apresentadas nos capítulos 2, 3 e 4 são interpretadas como materialidades linguístico-imagéticas atravessadas pelos discursos que as constituem.

Posto que a imagem, assim como a língua, é matéria significante histórico discursivo, passaremos à definição de discurso (efeito-sentido), sujeito (posição-sujeito), condições de produção e memória discursiva.

Segundo Pêcheux (1971, p.1 28), o discurso não corresponde ao "ato de fala do sujeito falante individual", nem a um texto ou mensagem, mas sim, como afirma Pêcheux (1969, p. 82), "a um efeito de sentido entre os pontos A e B", que não são sujeitos pragmáticos, mas lugares determinados na estrutura social. Nessa perspectiva, sujeito e sentido são, portanto, efeitos de uma posição na estrutura social à qual os indivíduos ou sujeito pragmáticos podem se identificar ou contra identificar. Ao tratar da questão, Orlandi (1999) afirma que "a Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente,

tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento" (ORLANDI, 1999, p. 15).[11]

A partir da tese de Althusser de que ideologia interpela os indivíduos em sujeitos, Pêcheux (1975) afirma que "os indivíduos são 'interpelados' em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam na 'linguagem' as formações ideológicas que lhes são correspondentes" (PÊCHEUX, 1975, p. 161).

> Sob a *evidência* de que 'eu sou realmente eu' (com meu nome, minha família, meus amigos, minhas lembranças, minhas 'idéias' minhas intenções e meus compromissos), há o processo de interpelação-identificação que produz o sujeito no lugar deixado vazio: 'aquele que...', isto é, X, o qüidam que se achará aí; e isso sob diversas formas, impostas pelas 'relações sociais jurídico-ideológicas' (PÊCHEUX, 1975, p. 159).

Nessa afirmação de Pêcheux (1975), o que está em jogo é o funcionamento de um processo de interpelação-identificação constituído pela ordem do significante enquanto fundamento do simbólico. O sujeito é sempre determinado na rede de significantes que o antecede, ou seja, assujeitado, o que na psicanálise significa estar assujeitado ao campo do Outro, inscrito no significante[12]. A esse processo, operando deslocamento da Psicanálise para o discursivo, Pêcheux (1975) chamará de efeito do pré-construído. Dessa forma, o sujeito identificável e responsabilizado pela ordem jurídico-ideológica com relação ao que diz e faz é atingido pelo inesperado, pois entra no mundo pela língua já dotado de sentidos que o antecedem.

O sujeito que interessa a AD, portanto, não é o sujeito pragmático, sujeito falante que pensa que é origem do que pensa e do que diz. O sujeito da AD é uma posição-sujeito, um lugar que pode ser ocupado pelo sujeito pragmático, falante, que pensa e que formula, no interior de uma formação discursiva para ser sujeito do que diz. Essa formação discursiva, segundo Pêcheux (1975), é "aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma

[11] Ver também Orlandi (2005) e Fonseca-Silva (2005).

[12] Lacan trata de um assujeitamento ao campo do *Outro*, grande *Outro*, escrito com maiúscula, para aferir que esse Outro está para além do *outro* semelhante e remete a um campo que nos circunda mesmo antes do nosso nascimento, o campo da linguagem, que vige no mais exterior e no mais interior de nós mesmos. Somos ditos na linguagem e somos convocados a dizer, a demandar, desde o nascimento, por um *Outro* exterior, que tece a nossa história, muito antes que possamos nos apropriar da língua, quando diz, ainda sem identidade, qual o nosso nome e nosso lugar, conferindo-nos diversos significantes que funcionarão como referência para a nossa constituição subjetiva. Para Lacan, o sujeito (do inconsciente) é falado pelo *Outro*. Dessa forma, somos alienados pela linguagem, pois somos efeito dela, efeitos do simbólico. Ocorre uma dupla alienação: no desejo do *outro* (o semelhante) e no discurso do *Outro* (a lei, a linguagem) (FONSECA-SILVA, 2003; 2007b).

posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito" (PÊCHEUX, 1975, p. 160). Isso significa que

> o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe 'em si mesmo' (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas) (PÊCHEUX, 1975, p. 160).

Dessa forma, as palavras, expressões, proposições, dentre outros, recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas e a mudança de sentido destas está relacionada à posição sustentada por aqueles que as empregam e à formação discursiva na qual essa posição se inscreve. Uma vez que o sentido das palavras, expressões e proposições não está relacionado à sua literalidade, mas à sua relação com outras palavras, expressões e proposições de uma mesma formação discursiva, "as mesmas palavras, expressões e proposições mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva a outra" (PÊCHEUX, 1975, p. 160) e palavras, expressões e proposições diferentes podem, no interior de determinada formação discursiva, ter o mesmo sentido. Isto significa que sujeito e sentido são constituídos pela ordem significante na história. Constituem-se no entremeio da ordem significante com a história, materialidades de interpretação. São, portanto, efeitos.

Em relação ao conceito de condições de produção (CP), salientamos que, segundo Pêcheux (1969), as condições de produção caracterizam um processo discursivo e consideram os discursos prévios, estado anterior do processo discursivo. A ambiguidade do termo "condições de produção" deu e continua dando espaço a interpretações de caráter psicologizante. Ressaltamos, entretanto, que o conceito de circunstância, situação e contexto (que tem cunho psicologizante em diferentes domínios dos estudos linguísticos) não equivalem ao conceito de condições de produção, pois este implica inserir o estudo do discurso no campo das instituições, marcadas pelo histórico e social, daí denominado também de condições de produção históricas do discurso. Esclarecida essa questão, mobilizamos esse conceito por considerá-lo produtivo nesse trabalho.

No tocante ao conceito de memória discursiva, segundo Fonseca-Silva (2007a), Courtine (1981), a partir de um deslocamento do conceito de campo associado ou domínio de memória, postulado por Foucault (1969), cunha a seguinte noção de memória discursiva: é

aquilo que diz respeito à existência histórica do enunciado. Ao considerar essa definição proposta por Courtine (1981), Pêcheux (1983a) estabelece que a memória discursiva

> seria a quilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem reestabelecer os 'implícitos' (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 1983a, p. 52).

Conforme propõe Pêcheux (1983a), a memória discursiva torna legível os implícitos e possibilita interpretações de um enunciado a partir dos lugares de subjetivação. A memória não consiste em um sistema fechado, mas "em um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contradiscursos" (PÊCHEUX, 1983a, p. 52).

A memória, na perspectiva do autor, é o espaço balizador de embate entre forças antagônicas que lutam para desestabilizar os "já-ditos" pelos efeitos de paráfrase que perturbam a memória. Isto significa que todo o acontecimento discursivo novo tem o poder de provocar uma desestabilização e deslocar os espaços de memória discursiva, pela repetição, mas também pelo deslocamento, desdobramento, até mesmo sob a forma de contradiscursos.

Feitas essas considerações, esclarecemos que no decorrer das análises apresentadas nos capítulos 2, 3 e 4, quando falarmos de materialidades significantes (língua e imagem), discurso, efeitos-sentido, posição-sujeito, condições de produção históricas, memória discursiva, não definiremos mais esses conceitos que sustentam o nosso gesto de interpretação. À medida que for necessário, outros conceitos operacionais e/ou postulados poderão ser mobilizados e definidos.

Por fim, apresentamos, no tópico 1.4, como se dá organização dos capítulos desta dissertação.

1.4 Organização dos capítulos

Além do primeiro capítulo, denominado **Introdução**, no qual tratamos do problema da pesquisa, que resultou este trabalho, das hipóteses, dos objetivos, da constituição do corpus e percurso metodológico, e de questões sobre o referencial teórico analítico, a dissertação está organizada em mais quatro capítulos.

No capítulo 2, intitulado **Memória discursiva e efeitos-sentido da divisão do Brasil por classe social**, tratamos, de forma breve, das condições de produção históricas do discurso sobre as Eleições de 1989 e, em seguida, analisamos o funcionamento dos efeitos-sentido de divisão do Brasil em 13 sequências discursivas de textos que discursivizam sobre as Eleições Presidenciais de 1989, 2006 e 2014.

No capítulo 3, intitulado **Memória discursiva e efeitos-sentido da divisão do Brasil por região**, apresentamos, de forma sucinta, as condições de produção históricas do discurso sobre a divisão regional do Brasil e, em seguida, analisamos o funcionamento dos efeitos-sentido sobre a divisão geográfica do Brasil em 12 sequências discursivas de textos que discursivizam sobre as Eleições Presidenciais de 2006, 2010 e 2014.

No capítulo 4, intitulado **Memória discursiva e efeitos-sentido da divisão do Brasil entre petismo e antipetismo**, por sua vez, tratamos das condições de produção históricas do discurso sobre a participação Partido dos Trabalhadores (PT), nas Eleições Presidenciais de 1989 a 2014, e analisamos o funcionamento dos efeitos-sentido de divisão do Brasil entre a posição-sujeito de eleitor petista e a posição-sujeito de eleitor antipetista com seus efeitos de petismo e antipetismo em 41 sequências discursivas de textos que discursivizam sobre as Eleições Presidenciais de 2014.

No capítulo 5, denominado **Conclusão**, apresentamos os resultados obtidos nas análises desenvolvidas nos capítulos 2, 3 e 4. Por fim, apresentamos as referências mobilizadas na dissertação.

2 MEMÓRIA DISCURSIVA E EFEITOS-SENTIDO DA DIVISÃO DO BRASIL POR CLASSE SOCIAL

2.1 Considerações iniciais

Considerando os conceitos de discurso (efeito-sentido), sujeito (posição-sujeito) e memória discursiva, da Análise de Discurso, explicados no tópico 1.3 do capítulo 1, discutimos, neste capítulo, o funcionamento de efeitos-sentido da divisão do Brasil por classe social, em sequências discursivas de textos que discursivizam sobre as Eleições Presidenciais de 1989, 2006 e 2014. Para tanto, no tópico 2.2, tratamos sobre os efeitos-sentido da divisão do Brasil por classe social, nas eleições de 1989; no tópico 2.3, sobre os efeitos-sentido da divisão do Brasil por classe social, nas eleições de 2006; no tópico 2.4, sobre os efeitos-sentido da divisão do Brasil por classe social, nas eleições de 2014; e, por fim, no tópico 2.5, apresentamos as considerações finais.

A partir da análise das treze sequências discursivas de texto que compõem este capítulo, identificamos o funcionamento de efeitos-sentido de divisão do Brasil em classes sociais.

2.2 Efeitos-sentido da divisão do Brasil por classe social: Eleições de 1989

Objetivando mostrar o funcionamento de efeitos-sentido materializados em sequências discursivas de textos que discursivizam sobre as eleições de 1989, analisamos cinco sequências discursivas de textos que discursivizam sobre essas eleições. Antes de procedermos à análise, tratamos, de forma breve, das condições de produção históricas do discurso sobre as eleições de 1989.

A Ditadura Militar no Brasil é delimitada pelo período de 1964 a 1985. Em 1985, Tancredo Neves foi indicado à Presidência da República, mas com a sua morte, seu vice, José Sarney, assumiu a presidência para o mandato (1985 a 1989) que marcou a transição do período da ditadura para o período de redemocratização brasileira. Em 1986, ocorreram as eleições gerais nas quais membros do congresso nacional foram incumbidos de elaborar uma nova constituição. Assim, em 5 de outubro de 1988, a Assembleia Nacional Constituinte promulgou uma nova constituição que determina a realização de eleições diretas para presidente da República. Em 1989, ocorreu a primeira eleição direta pós-ditadura que marcou política e juridicamente a retomada do regime democrático no Brasil.

As Eleições Presidenciáveis de 1989 ocorreram em dois turnos. O primeiro turno foi realizado no dia 15 de novembro de 1989 e o segundo turno no dia 17 de dezembro desse mesmo ano. No total, 22 candidatos concorreram à presidência no primeiro turno dessas eleições, marcando-a, assim, como a eleição presidenciável com mais candidatos da história política do Brasil. Dentre esses candidatos, destacamos Guilherme Afif (PL), Leonel Brizola (PDT), Fernando Collor de Mello (PRN), Eneas (PRONA), Luís Inácio Lula da Silva (PT), Mario Covas (PSDB) e Lívia Maria (PN), a primeira mulher a concorrer à Presidência da República.

O segundo turno das eleições de 1989 foi disputado entre os candidatos Fernando Collor de Mello (PRN), que obteve 42,75% dos votos, e pelo candidato Luís Inácio Lula da Silva (PT), que obteve 37,86% dos votos. Dessa forma, o candidato Fernando Collor de Mello, juntamente com o vice Itamar Franco, venceu as eleições com uma diferença de apenas 4,89%, tendo, por direito, a função de governar o país por cinco anos[13].

Isto posto, passamos à análise de sequências discursivas de textos que discursivizam sobre essas eleições. A primeira sequência discursiva a ser analisada consiste na imagem de uma capa da revista *Veja* de 1989, que apresenta algumas características do eleitor que decidirá a eleição de 1989. Vejamos:

[13] No dia 29 de setembro de 1992 ocorre a admissão do processo de impeachment do presidente Collor que resulta, por determinação do artigo 23, § 5º, da Lei nº 1.079/50, na suspensão imediata do exercício das funções do acusado. No dia 2 de outubro, o vice Itamar Franco assume a presidência da República. Disponível em: < http://www.tse.jus.br/jurisprudencia/julgados-historicos/collor>. Acesso em: 15 de set. de 2015. Ver Vigiatto (2012), Oliveira (2013) e Santos (2016).

(1)

Figura 1 – VEJA, 01/11/1989

Na figura 1, que constitui a sequência discursiva 1, apresentamos a imagem da capa da edição 1103 de 01/11/1989 da revista *Veja* que se constitui de materialidades linguísticas e imagéticas. A afirmação de que a imagem, assim como a língua, é atravessada por discursos[14] que a constituem, proposta por Pêcheux (1983a), justifica a análise da capa apresentada na figura 1 e, também, a análise de outras imagens apresentadas mais adiante, neste trabalho.

Considerando, assim, que tanto a imagem quanto a língua, na sua opacidade, são atravessadas por discursos, a capa apresentada na figura 1 apresenta a seguinte organização: na parte superior direita, o nome da revista; na parte superior esquerda, sequência discursiva indicando um conteúdo a ser tratado em matéria da edição; no meio, as sequências discursivas: "75% dos eleitores ganham menos de dois salários mínimos", "50% não terminaram o 1º grau", "20% não sabem sequer o nome do atual presidente da República", "90% não são sindicalizados"; abaixo dessas sequências discursivas, uma outra como título da matéria principal da edição: "O BRASIL QUE VAI DECIDIR A ELEIÇÃO".

Além da materialidade linguística, a capa da figura 1 apresenta também materialidade imagética. Essa materialidade significante constitui-se de uma urna na qual estão colocadas,

[14] No capítulo 1, especificamente no tópico 1.3, intitulado "Questões sobre o referencial teórico analítico", explicamos, com base em Pêcheux (1969; 1971) que o discurso não corresponde à fala, texto ou mensagem, mas corresponde a efeitos-sentido entre lugares determinados na estrutura social e esclarecemos também, com base em Pêcheux (1983a), que a imagem, assim como a língua, é avessada pelo discurso que a constitui.

na parte da frente, as sequências discursivas. As outras três partes da urna estão cercadas por pessoas que, de uma forma desorganizada, buscam chegar ao topo para depositarem o voto. A maneira como as pessoas estão organizadas, em volta da urna, indica um formato de pirâmide que representa uma estrutura de poder, postulada por Althusser (1970), da qual trataremos mais adiante.

Com o Golpe Militar de 1964, ocorreu a proibição do voto direto para Presidente da República. Somente nas Eleições Presidenciais de 1989 os brasileiros voltaram a ter o direito de colocar o seu voto na urna elegendo, assim, um presidente. Considerando essas condições de produção históricas, observamos o funcionamento de um efeito-sentido (PÊCHEUX, 1969) no qual o esforço, a luta dos eleitores para colocar o voto na urna, indica uma "vontade" de exercer o voto direto após terem ficado, mais de vinte anos, privados desse direito.

Com relação ao formato de pirâmide, percebido na organização das pessoas que estão em torno da urna, observamos o funcionamento de um efeito-sentido que indica uma representação de estrutura de poder. Nessa estrutura de poder, a parte de cima da urna, na qual é colocado o voto, representa o estado, "que só tem sentido em função do poder de Estado" (ALTHUSSER, 1970, p. 36), e as partes laterais da urna representam o povo. O poder que está em cima é o poder estatal que se exerce sobre o povo por meio dos aparelhos ideológicos do Estado, no sentido althusseriano.

Ainda na figura 1, compreendendo o discurso como efeito-sentido (PÊCHEUX, 1969) e o sujeito como uma posição-sujeito[15], identificamos o funcionamento do efeito-sentido de divisão[16] do Brasil em classes sociais. A formulação "O BRASIL QUE VAI DECIDIR A ELEIÇÃO", que aparece como título, na capa, e as sequencias discursivas que se referem aos eleitores que decidirão a eleição indicam esse efeito-sentido.

No efeito-sentido de divisão do Brasil em classes sociais, os eleitores que decidirão as eleições de 1989 identificam-se com o que denominamos de posição-sujeito pobre: aquele que ganha menos de dois salários-mínimos, que não é sindicalizado, que não concluiu o 1º grau e que não sabe sequer o nome do presidente da República (José Sarney) à época. O lenço na cabeça, boné, pés descalços e a ferramenta agrícola na mão de um dos eleitores indicam que

[15] No tópico 1.3 do capítulo 1, explicamos, com base em Pêcheux (1969; 1975), que o sujeito que interessa a Análise de Discurso, e a esse trabalho, não corresponde ao sujeito pragmático, sujeito falante que pensa que é a origem do que pensa e do que diz, mas sim o sujeito enquanto posição (posição-sujeito), enquanto lugar que pode ser ocupado pelo sujeito (pragmático, falante) que pensa e que formula no interior de uma formação discursiva para ser sujeito do que diz.

[16] A "divisão" não consiste em uma separação de partes igualmente divididas (metade), mas em uma segregação de partes que apresentam características distintas.

os eleitores que decidirão as eleições de 1989 se identificam com a posição-sujeito pobre. Assim, na materialidade significante linguístico-imagética analisada, a quantidade de salários-mínimos, o fato de ser, ou não, sindicalizado, o grau de escolaridade e de informação, e os trajes usados, indicam a classe social dos eleitores e a posição-sujeito com a qual se identificam.

O efeito-sentido de divisão do Brasil em classes sociais encontra-se em funcionamento também na sequência discursiva apresentada a seguir:

> (2) No **país A** residem os empresários milionários e os profissionais liberais, o gerente do Bradesco e até o operário especializado que chega a ganhar 4 000 cruzados novos por mês. É **o país B, no entanto, que vai pesar na balança da eleição.** "Quem vai decidir em 15 de novembro são os eleitores que **vivem no Brasil estagnado"** [...] Para cada pessoa com diploma universitário que colocar seu voto na urna haverá sete eleitores que não terminaram o curso primário. De cada 100 brasileiros na fila da cabine de votação, 75 são pessoas que pagam as contas no fim do mês com menos de 760 cruzados novos. **Ou seja, na hora de votar, o país dos 70% vale mais que o dobro que o país dos 30%** [...] O fato, contudo, é que no dia da eleição ocorre uma cena que só acontece em programa de televisão – **por 24 horas o pobre fica rico** (VEJA, 01/11/1989, p. 37, grifo nosso).

Na sequência discursiva 2, os eleitores se identificam com três posições-sujeito que denominamos de: posição-sujeito pobre, posição-sujeito classe média e posição-sujeito rico. Nessa sequência, encontra-se em funcionamento o efeito-sentido de divisão entre dois Brasis: o Brasil A e o Brasil B, em classes sociais: classe alta, os ricos; classe média, a classe intermediária entre ricos e pobres; e classe baixa, os pobres[17].

No Brasil A "residem os empresários milionários e os profissionais liberais, o gerente do Bradesco e até o operário especializado que chega a ganhar 4 000 cruzados novos por mês", ou seja, no Brasil A residem as pessoas que se identificam com a posição-sujeito rico e as pessoas que se identificam com a posição-sujeito classe média. No país B, no entanto, retomado na sequência discursiva como "o Brasil estagnado", residem pessoas que "não terminaram o curso primário e que pagam as contas no fim do mês com menos de 760 cruzados novos", ou

[17] No século XIX, a questão das classes sociais tornou-se objeto de preocupação de estudiosos. Karl Marx foi o responsável pela mais influente teoria de "classes sociais". Em sua teoria, Marx considerava que havia uma classe capitalista e uma classe operária. Já Max Weber, outro autor que desenvolveu uma teoria sobre "classe", propôs uma divisão entre quatro classes: "a classe trabalhadora, a pequena burguesia, os especialistas e a classe privilegiada" (WEBER, *apud*, MATOSO, 2004). Em estudos sociológicos, mais atuais, os estudiosos, considerando alguns critérios como fator econômico, posição social, nível de escolaridade, entre outros, dividem as classes sociais em classe alta, classe média (intermediária) e classe baixa ou em classe A, B, C, D e E. Alguns estudos, apresentam, ainda, subdivisões dentro dessas divisões.

seja, residem pessoas que se identificam com a posição-sujeito pobre. Assim, na materialidade discursiva 2, a profissão, o salário e o grau de escolaridade indicam a classe social dos eleitores e a posição-sujeito com a qual se identificam: posição-sujeito rico, posição-sujeito classe média ou posição-sujeito pobre.

Observamos que as formulações linguísticas "É o país B, no entanto, que vai pesar na balança da eleição", "Quem vai decidir em 15 de novembro são os eleitores que vivem no Brasil estagnado", "na hora de votar, o país dos 70% vale mais que o dobro que o país dos 30%" e "por 24 horas o pobre fica rico" indicam que o eleitor que se identifica com a posição-sujeito pobre decidirá as eleições de 1989. Assim, na hora do voto ocorre uma inversão na qual "o pobre fica rico", isto é, vale mais do que aqueles que se identificam com o lugar social de rico. Com essa inversão, o Brasil B, o país dos pobres, torna-se o Brasil dos ricos, pois nele encontra-se a maior quantidade de eleitores.

Observando as relações das palavras "pobre" e "rico" na formulação linguística "na hora do voto o pobre fica rico", constatamos que "rico" e "pobre", nesta formulação, não tem o mesmo efeito de classe social a qual pertencem os eleitores do Brasil A e do Brasil B, mas um efeito de quantidade de eleitores que residem em cada um desses países. Nesse efeito, o país rico, na hora do voto, é aquele que possui mais eleitores e, logo, decidirá as eleições de 1989.

O efeito-sentido de uma divisão do Brasil em classes sociais funciona também nas formulações de 3 a 5. Vejamos:

> (3) [...] **a classe de Afif é a A** – uma dessas maravilhas da pirâmide social brasileira em que **assalariados mais ou menos bem remunerados fazem companhia a cidadãos que têm profissão liberal e são chamados de classe média, e até mesmo aquelas pessoas que têm um patrimônio que pode ser medido na escala dos milhões de dólares** [...] (VEJA, 27/09/1989, p. 49, grifo nosso).
>
> (4) [...] **Junto à fatia da população que sobrevive no desamparo, faz fila para tomar ônibus e nem sempre tem dinheiro para comprar sapatos, e cuja faixa de renda é inferior a 1500 cruzados novos** por mês, Collor vence Lula por 50% das preferências contra 38% - essa parcela do eleitorado é proprietária de setenta em cada um dos 100 votos disponíveis em 17 de dezembro. Na faixa intermediária, a dos **brasileiros que trabalham com carteira assinada e são operários especializados, funcionários públicos e empregados nos escalões médios do setor privado, com uma renda que chega a 4 000 cruzados novos,** os dois concorrentes empatam – 44% das preferências para cada (VEJA, 06/12/1989, p. 50, grifo nosso).
>
> (5) Por fim, **na chamada classe A brasileira, curiosidade sociológica que reúne todos os cidadãos brasileiros que ganham mais de cinco salários**

> **mínimos por mês, em que se incluem tanto pessoas com patrimônio na casa dos milhões de dólares como o engenheiro em início de carreira** e na qual estão menos de 10% dos eleitores, Lula vence Collor por 46% a 39%. São artes do eleitorado de 1989: o candidato operário Luís Inácio Lula da Silva que passou boa parte da vida entre os brasileiros com menos de 1500 cruzados novos por mês, e depois chegou aos de até 4 000, é o preferido entre **os mais bem remunerados – pessoas que têm um diploma universitário e um estilo de vida formado em ambientes semelhantes aos frequentados por Collor de Mello** [...] (VEJA, 06/12/1989, p. 50, grifo nosso).

Nas sequências discursivas de 3 a 5, os eleitores se dividem entre candidatos, conforme a classe social a que pertencem: i) o eleitor do candidato Guilherme Afif é aquele que se identifica com a posição-sujeito classe média e aquele que se identifica com a posição-sujeito rico; ii) o eleitor do candidato Collor de Mello é aquele que se identifica com a posição-sujeito pobre e também aquele que se identifica com a posição-sujeito classe média; iii) o eleitor do candidato Luís Inácio Lula da Silva é aquele que se identifica ou com a posição-sujeito classe média ou com a posição-sujeito rico.

Na discursivização da sequência 3, a classe A é formada pelas pessoas que se identificam com a posição-sujeito classe média e pelas pessoas que se identificam com a posição-sujeito rico. Os eleitores que se identificam com a posição sujeito-classe média, os "assalariados mais ou menos bem remunerados" e os que "têm profissão liberal", e os eleitores que se identificam com a posição-sujeito rico, os que "têm um patrimônio que pode ser medido na escala dos milhões de dólares", são os eleitores do candidato à presidência da República Guilherme Afif. Assim, na materialidade discursiva 3, o salário, a profissão e o patrimônio indicam a classe social dos eleitores, a posição-sujeito com a qual se identificam: posição-sujeito classe média ou posição-sujeito rico e o candidato com o qual se identificam.

Na discursivização da sequência 4, a maioria dos eleitores que se identificam com a posição-sujeito pobre, aquele que "sobrevive no desamparo, faz fila para tomar ônibus e nem sempre tem dinheiro para comprar sapatos, e cuja faixa de renda é inferior a 1500 cruzados novos", são eleitores do candidato à presidência da República Collor de Mello. Já a maioria dos eleitores que se identificam com a posição-sujeito classe média, aqueles que "trabalham com carteira assinada e são operários especializados, funcionários públicos e empregados nos escalões médios do setor privado, com uma renda que chega a 4 000 cruzados novos", são eleitores ou do candidato Collor de Mello ou do candidato Luís Inácio Lula da Silva. Assim, nessa materialidade, o desamparo, o meio de transporte, o salário, a carteira assinada e a função que exerce indicam a classe social dos eleitores, a posição-sujeito com a qual se identificam:

posição-sujeito pobre ou posição-sujeito classe média e os candidatos com os quais se identificam.

A sequência discursiva 5 indica que a maioria dos eleitores que se identificam com a posição-sujeito classe média e a maioria dos eleitores que se identificam com a posição-sujeito rico (aqueles "brasileiros que ganham mais de cinco salários mínimos por mês, em que se incluem tanto pessoas com patrimônio na casa dos milhões de dólares como o engenheiro em início de carreira e na qual estão menos de 10% dos eleitores" e aqueles brasileiros que "têm um diploma universitário e um estilo de vida formado em ambientes semelhantes aos frequentados por Collor de Mello") são eleitores do candidato Luís Inácio Lula da Silva. Assim, na discursivização da sequência 5, o salário, o patrimônio, a profissão, o grau de escolaridade e o ambiente que frequenta indicam a classe social dos eleitores, a posição-sujeito com a qual se identificam: posição-sujeito rico ou posição-sujeito classe média e o candidato com o qual se identificam.

Na análise das 5 sequências discursivas de textos que discursivizam sobre as eleições de 1989, vimos um funcionamento do efeito-sentido de que o Brasil é um país dividido em classes sociais. Nesse efeito-sentido, os eleitores se identificam com a posição-sujeito pobre, com a posição-sujeito classe média e com posição sujeito rico e se dividem, entre candidatos, conforme a posição-sujeito com a qual se identificam.

Isto posto, passamos à análise, no tópico seguinte, de sequências de textos que discursivizam sobre as Eleições Presidenciais de 2006.

2.3 Efeitos-sentido da divisão do Brasil por classe social: Eleições de 2006

Com a finalidade de identificar o funcionamento dos efeitos-sentido materializados em sequências discursivas de textos que discursivizam sobre as eleições de 2006, analisamos quatro sequências discursivas que discursivizam sobre essas eleições. Antes de procedermos às análises, tratamos, de forma breve, sobre as condições de produção históricas desse acontecimento.

As Eleições à Presidência da República de 2006 ocorreram em dois turnos. No primeiro turno, realizado no dia 1 de outubro, essas eleições foram disputadas por sete candidatos: Luís Inácio Lula da Silva, pela coligação Partido dos Trabalhadores (PT); Geraldo Alckmin, pela coligação Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB); Cristovam Buarque, pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT); José Maria Eymael, pelo Partido Social Democrata Cristão

(PSDC); Luciano Bivar, pelo Partido Social Liberal (PSL); e Ana Maria Rangel, pelo Partido Republicano Progressista (PRP)[18].

O segundo turno das eleições de 2006 presidenciáveis de 2006, realizado no dia 29 de outubro, foi disputado pelos candidatos Luís Inácio Lula da Silva (PT) e pelo candidato Geraldo Alckmin (PSDB). Enquanto o candidato do PSDB obteve 39,17%, 37.543.178 votos, o candidato do PT, reeleito nessas eleições, obteve 60,83% dos votos, 58.295.042[19]. Como indicam os dados, o candidato Luís Inácio Lula da Silva vence o candidato Geraldo Alckmin, nas eleições de 2006, por uma diferença considerável de votos, cerca de 20.751.864 votos.

Antes de analisarmos a sequência discursiva 6, ratificamos que no desenvolvimento das análises mobilizamos a concepção de sujeito e discurso como efeitos de uma posição na estrutura social (PÊCHEUX, 1969), já explicado no tópico 1.3, do capítulo 1 deste trabalho e onde tratamos também do conceito de memória discursiva.

> (6) No primeiro turno, **Lula obteve uma votação consagradora** no Norte e no Nordeste, mas também teve excelente desempenho no norte de Minas Gerais, no Espírito Santo e no norte do Rio de Janeiro – justamente **as áreas mais pobres da região Sudeste**. **Alckmin concentrou sua votação nas** regiões Sul, Centro – Oeste e Sudeste. Em Minas Gerais, foi o mais votado no sul e no Triângulo Mineiro – justamente as **áreas ricas do estado. A divisão tão claramente desenhada entre ricos e pobres** é resultado de uma análise feita pelo professor Cesar Romero Jacob [...] (VEJA, 01/11/2006, p. 67-68, grifo nosso).

Na discursivização da sequência discursiva 6, o candidato à Presidência da República Luís Inácio Lula da Silva teve uma "votação consagradora" nas áreas mais pobres do Brasil e o candidato Geraldo Alckmin "concentrou sua votação" nas áreas mais ricas do país. Assim, nessa materialidade, identificamos o funcionamento do efeito-sentido de divisão do Brasil em classes sociais. Nesse efeito-sentido, a área na qual residem os eleitores indica a classe social a que pertencem e a posição-sujeito com a qual se identificam: posição-sujeito pobre ou posição-sujeito rico.

Na discursivização da sequência discursiva 6, a maioria dos eleitores do candidato Geraldo Alckmin se identificam com a posição-sujeito rico: aquele que reside nas áreas mais

---

[18] O candidato Rui Costa Pimenta, do Partido da Causa Operária (PCO), teve o registro de candidatura à presidência da República negado pelo Tribunal Superior Eleitoral devido a "ausência de prestação de contas relativa à campanha presidencial das eleições de 2002, em que o candidato concorreu ao mesmo cargo majoritário". (Disponível em: http://www.conjur.com.br/2006-out-25. Acesso em: 15 de set. de 2015).

[19] Disponível em: http://eleicoes.folha.uol.com.br/folha/especial/2006/eleicoes/presidentes2.html. Acesso em 15 de set. de 2015.

ricas do país. Dessa forma, o efeito-sentido de que o Brasil é um país dividido em classes sociais, identificado em sequências de 1 a 5 que discursivizam sobre as eleições de 1989, encontra-se em funcionamento na sequência discursiva 6. Nesse efeito-sentido, os eleitores se dividem entre candidatos, conforme a posição-sujeito com a qual se identificam.

Comparando a sequência discursiva linguística 6 com as sequências 4 e 5, apresentadas no tópico 2.2, identificamos que o eleitor do candidato Luís Inácio Lula da Silva, no primeiro turno das eleições de 2006, é diferente do eleitor desse mesmo candidato nas eleições de 1989. Enquanto nas eleições de 1989, como indicam as sequências discursivas 4 e 5, o eleitor do candidato Luís Inácio Lula da Silva se identificava ou com a posição-sujeito classe média ou com a posição-sujeito rico, o eleitor desse candidato, no primeiro turno das eleições de 2006, identifica-se com a posição-sujeito pobre: aquele que reside nas áreas mais pobres do país.

Na discursivização da sequência 7, o eleitor do candidato Luís Inácio Lula da Silva que se identifica com a posição-sujeito pobre é também aquele que possui menor grau de escolaridade. Vejamos:

> (7) [...] **85% dos eleitores que hoje desejam a reeleição do presidente pertencem às camadas mais pobres e menos escolarizadas do país [...] Desde que o Brasil fez seu primeiro pleito presidencial direto pós-ditadura, em 1989, nunca um candidato viável se apoiou tão pesadamente na massa mais pauperizada do país** [...] (VEJA, 15/02/2006, p. 43, grifo nosso).

Essa sequência discursiva indica o funcionamento do efeito-sentido de que o Brasil é um país dividido em classes sociais e que os eleitores se dividem entre candidatos, conforme a posição-sujeito com a qual se identificam. O grau de escolaridade indica a classe social dos eleitores e a posição-sujeito com a qual se identificam: posição-sujeito pobre.

Considerando, com base na concepção de memória discursiva proposta por Pêcheux (1983a; 1983b), que os sentidos se constroem na sua relação com outros sentidos, a sequência discursiva 6 indica que na memória do cenário político brasileiro das eleições de 1989 a 2002 os candidatos sempre se apoiaram na massa pobre do Brasil. Mas, nas eleições de 2006, ocorreu um efeito de novidade, qual seja: um candidato teve apoio, quase total, das camadas mais pobres do Brasil.

A discursivização da sequência 8 indica que nas eleições de 2006 houve um distanciamento entre o voto dos pobres e o voto da classe média:

> (8) [...] **nunca, desde que o país voltou à democracia em 1985, houve um desgarramento tão profundo entre o voto dos pobres e o voto da classe média** (VEJA, 06/09/2006, p. 64, grifo nosso).

Nesta sequência, o funcionamento do efeito-sentido divisão do Brasil entre classes sociais se repete. Nesse efeito-sentido, o voto do pobre distancia-se do voto da classe média. Isso significa que o eleitor que se identifica com a posição-sujeito pobre e o eleitor que se identifica com a posição-sujeito classe média, nas eleições de 2006, tem preferência por candidatos diferentes. A memória acerca do cenário político brasileiro das eleições de 1989 a 2002 reatualiza o efeito-sentido segundo o qual o voto do eleitor pobre sempre se distanciou do voto do eleitor rico, mas não da forma como ocorreu nas eleições de 2006. Essa memória indica o efeito-sentido de novidade, pois dentre todas as eleições para presidente da República, desde as eleições de 1989 até 2006, apenas nas eleições de 2006, o voto do pobre se distancia intensamente do voto da classe média.

Na sequência 9, discursiviza-se que no segundo turno das eleições de 2006, disputado entre o candidato Luís Inácio Lula da Silva, do PT, e o candidato Geraldo Alckmin, do PSDB, a divisão entre eleitores, conforme a área, a região em que vive, o que trataremos detalhadamente no próximo capítulo, e conforme a classe social a que pertence, torna-se menos acentuada:

> (9) [...] No segundo turno, a se levar em conta o resultado das últimas pesquisas eleitorais**, essa divisão antes tão clara tornou-se um pouco menos aguda, com Lula crescendo nas áreas e camadas mais ricas do país** (VEJA, 01/11/2006, p. 68, grifo nosso).

Na sequência discursiva 9, a divisão entre o voto do eleitor pobre, o voto do eleitor classe média e o voto do eleitor rico torna-se menos aguda, pois Lula passa a ter muitos votos também de eleitores que se identificam com a posição-sujeito rico, aqueles que vivem nas áreas mais ricas do país. Dessa forma, no segundo turno das eleições de 2006, diferentemente do primeiro turno, não há grande distanciamento entre o voto do pobre, o voto do rico, e o voto da classe média, pois o candidato Luís Inácio Lula da Silva passa a ter muitos votos em todas as camadas sociais.

Na análise das sequências discursivas 6 a 9, identificamos o funcionamento dos seguintes efeitos-sentido: i) o efeito-sentido de que o Brasil é um país dividido em classes sociais, ricos e pobres. Nesse efeito-sentido, os eleitores se dividem entre candidatos, conforme a posição-sujeito com a qual se identificam; ii) e os efeitos-sentido de novidade: apenas nas

eleições de 2006, dentre as eleições pós-ditadura militar, um candidato teve apoio, quase total, das camadas mais pobres do Brasil; dentre todas as eleições para presidente da República, desde as eleições de 1989, apenas nas eleições de 2006 o voto do pobre tem efeito de distância do voto da classe média.

Os efeitos-sentido em funcionamento estão relacionados a três posições-sujeito: posição-sujeito pobre, aquele que reside nas áreas mais pobres do país e que possui menor grau de escolaridade; posição-sujeito classe média, aquele que se identifica com uma posição social intermediária; e posição-sujeito rico, aquele que reside nas áreas mais ricas do país.

No tópico a seguir, analisamos sequências discursivas de textos que discursivizam sobre as eleições Presidenciais de 2014.

2.4 Efeitos-sentido da divisão do Brasil por classe social: Eleições de 2014

Nesse tópico, com a finalidade de identificar o funcionamento de efeitos-sentido sobre as eleições de 2014, analisamos quatro sequências discursivas, mobilizando os mesmos conceitos teóricos analíticos utilizados anteriormente. No que tange às condições de produção históricas do discurso, as Eleições à Presidência da República de 2014 ocorreram em dois turnos. No primeiro turno, realizado no dia 5 de outubro, essas eleições foram disputadas por onze candidatos: Aécio Neves (PSDB), Dilma Rousseff (PT), Eduardo Jorge (PV), José Maria Eymael (PSDC), Levi Fidelix (PRTB), Luciana Genro (PSOL), Marina Silva (PSB)[20], Mauro Iasi (PCB), Pastor Everaldo (PSC), Rui Costa Pimenta (PCO) e Zé Maria (PSTU).

O segundo turno, realizado no dia 31 de outubro, foi disputado entre os candidatos Aécio Neves (PSDB) e Dilma Rousseff (PT). O candidato do PSDB obteve 48,36%, 51.041.155 votos, e a candidata do PT obteve 51,64%, 54.501.118 votos[21]. Dessa forma, a candidata Dilma Rousseff, que nas eleições de 2010 tornou-se a primeira mulher eleita da história política do Brasil[22], é reeleita nas eleições presidenciáveis de 2014. Como indicam os dados, a candidata Dilma Rousseff venceu o candidato Aécio Neves por uma diferença de

[20] Com a morte trágica do candidato Eduardo Campos (PSB) em um acidente de avião em Santos (SP), Marina Silva, candidata a vice na chapa, assume candidatura à presidência. Sobre a então candidata Marina Silva importante trabalho desenvolvido Amorim (2015) e Amorin e Fonseca-Silva (2015), no âmbito do Laboratório de Pesquisa em Análise de Discurso da Uesb e vinculado ao mesmo projeto temático de pesquisa que resultou este trabalho.

[21] Dados disponíveis em: <http://eleicoes.folha.uol.com.br/2014/2turno/presidente/br.shtml>. Acesso em: 15 de set. de 2015.

[22] Sobre dessa questão, ver Fonseca-Silva (2012; 2013).

apenas de 3.459.963 votos, 3,28%, o que marca as eleições de 2014 como a disputa mais acirrada da história política do Brasil.

Isto posto, analisamos sequências discursivas de textos que discursivizam sobre esse acontecimento.

> (10) **As urnas dividiram o País por renda e escolaridade. Dilma venceu entre os beneficiários das políticas assistencialistas. Aécio, entre os que pagam essa conta.** O desafio que se impõe à sociedade e aos políticos é como pôr fim à divisão (ISTOÉ, 05/11/2014, grifo nosso).

Na sequência discursiva 10, identificamos em funcionamento efeitos-sentido de divisão social do Brasil, entre candidatos, conforme a renda e o grau de escolaridade, o que indica uma divisão do Brasil entre classes sociais. A sequência 10 discursiviza que a candidata Dilma Rousseff venceu entre os "beneficiários das políticas assistencialistas" enquanto o candidato Aécio Neves venceu "entre os que pagam essa conta". O efeito de "vencer" não indica a vitória de um ou outro candidato na eleição, mas sim, a quantidade de votos que cada candidato obteve em cada uma dessas categorias de eleitores. Dessa forma, o sentido de "venceu" em "Dilma venceu entre os beneficiários das políticas assistencialistas. Aécio, entre os que pagam essa conta" indica que um candidato obteve mais votos do que o outro em determinada categoria de eleitores.

Ser ou não ser beneficiado por políticas assistencialistas indica a classe social e a posição-sujeito dos eleitores. O eleitor que é beneficiado pelas políticas assistencialistas se identifica com uma posição-sujeito que indica uma necessidade por políticas assistencialistas, isto é, com a posição-sujeito pobre. Em 2006, para que uma família fosse beneficiada pelo Programa Bolsa Família[23], por exemplo, ela deveria ter renda mensal por pessoa de R$ 60,01 a R$ 120,00, ou seja, deveria estar em situação de pobreza ou mesmo de extrema pobreza. O eleitor que "paga essa conta" é aquele que se identifica com uma posição-sujeito que indica uma condição de maior contribuição com os impostos, isto é, identifica-se com a posição-sujeito classe média ou com a posição-sujeito rico.

[23] "O Bolsa Família tinha como objetivo contribuir para a inclusão social de milhões de famílias brasileiras premidas pela miséria, com alívio imediato de sua situação de pobreza e da fome. Além disso, também almejava estimular um melhor acompanhamento do atendimento do público-alvo pelos serviços de saúde e ajudar a superar indicadores ainda dramáticos, que marcavam as trajetórias educacionais das crianças mais pobres: altos índices de evasão, repetência e defasagem idade-série. Pretendia, assim, contribuir para a interrupção do ciclo intergeracional de reprodução da pobreza" (CAMPEELLO; NERI, 2013, p. 15), disponível em: <http://www.sae.gov.br/wp-content/uploads/WEB_Programa-Bolsa-Familia-2.pdf>. Acesso em 15 de set. de 2015.

A sequência 10 indica ainda o funcionamento de efeitos-sentido nos quais não é o governo quem paga as contas das políticas assistencialistas, mas sim o eleitor do candidato Aécio Neves. Nesses efeitos-sentido, o eleitor de Aécio é aquele que paga as políticas assistencialistas, e como vimos, identifica-se com a posição-sujeito classe média ou com a posição-sujeito rico, e o eleitor de Dilma Rousseff é aquele que recebe os benefícios, aquele que se identifica com a posição-sujeito pobre.

Na sequência discursiva 11, o funcionamento do efeito-sentido de divisão do Brasil por classe social reaparece. Nesse efeito-sentido, os eleitores se dividem por candidato, conforme a renda e o grau de escolaridade. Vejamos:

> (11) Nessa geografia econômica do voto, **Dilma – que no total bateu Aécio por uma diferença de apenas três milhões de votos – só se sagrou vitoriosa na disputa direta com o tucano entre os eleitores cujos salários somam até dois salários-mínimos. Na faixa entre dois e cinco salários, houve empate. Nas demais, deu Aécio. Se categorias de brasileiros foram separadas de acordo com a renda familiar, o mesmo pode-se dizer do nível de escolaridade. A segregação do País por grau de informação – no caso, a falta de acesso a ela – também influenciou no resultado final favorável a Dilma** (ISTOÉ, 05/11/2014, grifo nosso).

No efeito-sentido identificado nesta sequência, a renda, isto é, o salário, e o grau de escolaridade indicam a classe social dos eleitores e o candidato que eles preferem. O eleitor da candidata Dilma Rousseff é aquele que recebe até dois salários-mínimos, aquele que recebe entre dois a cinco salários e aquele que possui um menor nível de escolaridade. O eleitor do candidato Aécio Neves é aquele que recebe entre dois a cinco salários mínimos e também aquele que recebe mais de cinco salários mínimos.

O efeito-sentido de "bater" em "Dilma – que no total bateu Aécio por uma diferença de apenas três milhões de votos" chama a atenção na sequência discursiva 11. Com base na afirmação de Pêcheux (1975) de que o sentido das palavras, expressões, proposições não está relacionado à sua literalidade, mas à sua relação com outras palavras, expressões e proposições de uma mesma formação discursiva, observamos que "Bater", na sequência 11, tem o mesmo sentido de "vencer" na sequência 10. Em ambas as materialidades, tanto "bater" quanto "vencer" se relaciona a uma situação de disputa na qual um candidato foi melhor do que o outro. "Vencer", na sequência discursiva 10, indica que um candidato obteve mais votos do que o outro, isto é, venceu o outro em determinada categoria de eleitores; e "bater", na

sequência discursiva 11, indica que um candidato, Dilma Rousseff, venceu o outro, Aécio Neves, nas eleições de 2014.

Nas sequências discursivas 12 e 13, assim como nas materialidades 10 e 11, funciona o efeito-sentido de uma divisão do Brasil por classe social. Nesse efeito-sentido (PÊCHEUX, 1969), os eleitores se dividem por candidato conforme a renda e o grau de escolaridade. Vejamos:

> (12) **Um país eleitoralmente dividido** (ISTOÉ, 31/12/2014, grifo nosso).
>
> (13) **Em 2014, o Brasil viveu a eleição mais acirrada da história do seu período democrático. A vitória de Dilma Rousseff (PT) com a apertada margem de 3,4 milhões de votos desenhou um cenário de divisões e acirramentos ideológicos. As urnas racharam o País por renda e escolaridade** [...] (ISTOÉ, 31/12/2014, grifo nosso).

A materialidade 12 consiste em um título de reportagem que indica uma divisão dos eleitores do Brasil nas eleições de 2014. A materialidade 13, por sua vez, consiste em uma sequência discursiva dessa mesma reportagem intitulada "um país eleitoralmente dividido". Observamos, na sequência discursiva 13, que a memória acerca do cenário político brasileiro das eleições pós-ditadura militar e anteriores às eleições de 2014 reatualiza sentidos segundo os quais nas eleições do Brasil sempre houve disputa entre candidatos, mas não na proporção das eleições de 2014. Ao reatualizar esses sentidos, essa memória discursiva (PÊCHEUX, 1983a; 1983b) possibilita efeitos-sentido de novidade nos quais as eleições de 2014 foram as mais acirradas da história do período democrático do Brasil.

Na análise das sequências discursivas 10 a 13, identificamos o funcionamento dos seguintes efeitos-sentido: i) o efeito-sentido de uma divisão do Brasil por classe social. Nesse efeito-sentido, os eleitores se dividem por candidato conforme a renda e o grau de escolaridade; ii) o efeito-sentido de que não é o governo quem paga as contas das políticas assistencialistas, mas sim o eleitor do candidato Aécio Neves. Nesse efeito-sentido, o eleitor de Aécio é aquele que paga as políticas assistencialistas e o eleitor de Dilma Rousseff é aquele que recebe os benefícios; iii) e o efeito-sentido de novidade: as eleições de 2014 foram as mais acirradas da história do período democrático do Brasil.

Nos dois primeiros efeitos-sentido identificados, o eleitor da candidata Dilma Rousseff é aquele que é beneficiado pelas políticas assistencialistas e também aquele que possui menor grau de escolaridade, logo, que se identifica com a posição-sujeito pobre. Já o eleitor do

candidato Aécio Neves é aquele que "paga as políticas assistencialistas", isto é, que se identifica com a posição-sujeito classe média ou com a posição-sujeito rico.

2.5 Considerações finais

Na análise das treze sequências discursivas de textos que discursivizam sobre as eleições presidenciáveis de 1989, 2006 e 2014, desenvolvidas com base nas concepções de discurso (efeitos-sentido) (PÊCHEUX 1969; 1971), sujeito (posição-sujeito) (PÊCHEUX, 1969; 1975) e de memória discursiva (PÊCHEUX, 1983a; 1983b), identificamos o funcionamento do efeito-sentido de divisão do Brasil em classes sociais.

No funcionamento do efeito-sentido de divisão do Brasil por classe social, identificado em sequências discursivas de textos sobre as eleições de 1989, o salário, a profissão, o patrimônio, o desamparo, o meio de transporte, a carteira assinada, a função que exerce, o grau de escolaridade e o ambiente que frequenta, indicam a classe social dos eleitores de 1989, logo, a posição-sujeito com a qual se identificam, posição-sujeito rico, posição-sujeito classe média, ou posição-sujeito pobre e o candidato a quem preferem. Enquanto o eleitor do candidato Guilherme Affif e o eleitor do candidato Lula se identificam com a posição-sujeito classe média ou com a posição-sujeito rico, o eleitor do candidato Collor de Mello se identifica com a posição-sujeito classe média ou com a posição-sujeito pobre.

No funcionamento do efeito-sentido de divisão do Brasil por classe social, identificado em sequências discursivas de textos sobre as eleições de 2006, a área na qual residem os eleitores e o grau de escolaridade indicam a classe social a que pertencem, logo, a posição-sujeito com a qual se identificam, posição-sujeito pobre, posição-sujeito classe média ou posição-sujeito rico, e o candidato a quem preferem. O eleitor do candidato Lula se identifica com a posição-sujeito pobre ou com a posição-sujeito rico e o eleitor do candidato Geraldo Alckmin se identifica com a posição-sujeito rico.

Identificamos, também, em sequências discursivas sobre as eleições de 2006, o funcionamento de uma memória discursiva na qual se constitui os efeitos-sentido de novidade: apenas nas eleições de 2006, dentre as eleições pós-ditadura militar, um candidato teve apoio, quase total, das camadas mais pobres do Brasil; dentre todas as eleições para presidente da República, desde as eleições de 1989 a 2006, apenas nas eleições de 2006, o voto do pobre se distancia intensamente do voto da classe média.

No funcionamento do efeito-sentido de divisão do Brasil por classe social, identificado em sequências discursivas de textos sobre as eleições de 2014, a renda, o grau de escolaridade,

ser, ou não, beneficiado por políticas assistencialistas, indica a classe social a que os eleitores pertencem, logo, a posição-sujeito com a qual se identificam, posição-sujeito pobre, posição-sujeito classe média ou posição-sujeito rico, e o candidato a quem preferem. Assim, enquanto o eleitor da candidata Dilma Rousseff se identifica com a posição-sujeito pobre, o eleitor do candidato Aécio Neves se identifica com a posição-sujeito classe média ou com a posição-sujeito rico.

Por fim, o gesto de interpretação (descrição/interpretação) que operamos neste capítulo indica que a memória discursiva sobre as eleições presidenciais no Brasil é afetada pelo esquecimento, pela retomada e repetição. O discurso ou efeito-sentido de divisão do Brasil por classe social em eleições presidenciáveis não emergiu, pois, nas eleições de 2014, pois seu funcionamento foi identificado em sequências discursivas que tratam das eleições que ocorreram também entre 1989 a 2006. Isto se justifica porque a memória discursiva é, no sentido de Pêcheux (1983a), espaço móvel de deslocamentos, de retomadas, de desdobramentos do discurso sob a forma de remissões e de efeitos de paráfrase (reconhecimento do que é repetível), reconstituíveis pelo efeito de opacidade das materialidades significantes.

3 MEMÓRIA DISCURSIVA E EFEITOS-SENTIDO DA DIVISÃO DO BRASIL POR REGIÃO

3.1 Considerações iniciais

A partir dos conceitos de discurso (efeitos-sentido), sujeito (posição-sujeito) e memória discursiva, explicados no tópico 1.3 do capítulo 1 deste trabalho, operamos um gesto de interpretação, neste capítulo, sobre o funcionamento do efeito-sentido de divisão do Brasil por região.

Para tanto, tratamos, no tópico 3.2, brevemente, das condições de produção históricas acerca da divisão regional do Brasil; no tópico 3.3, sobre o funcionamento de efeitos-sentido da divisão do Brasil por região nas eleições de 2006; no tópico 3.4, sobre o funcionamento de efeitos-sentido da divisão do Brasil por região nas Eleições de 2010; no tópico 3.5, sobre o funcionamento de efeitos-sentido da divisão do Brasil por região nas eleições de 2014; e, por último, no tópico 3.6, apresentamos as considerações finais.

3.2 Condições de produção históricas acerca da divisão regional do Brasil

A discursivização sobre a divisão regional do Brasil indica que a primeira divisão interna realizada no território brasileiro ocorreu entre os anos de 1534 a 1536 com o sistema de Capitanias Hereditárias, um sistema de administração territorial que tinha como objetivo o povoamento e a colonização das terras do "Novo Mundo". Nesse sistema,

> Dividiu-se o Brasil por linhas paralelas ao Equador em 15 quinhões que iam "... pelo sertão e terra firme a dentro quanto puderem entrar e for de minha conquista" isto é, os limites fixados em Tordesilhas. Compreendiam-se nas doações as ilhas que se encontrassem até à distância de 10 léguas da costa (MENDES JR; RONCARI; MARANHÃO, 1991, p. 91).

Assim, essas 15 faixas de terras foram doadas pelo rei Dom João III a 12 donatários que tinham, dentre outras funções, o dever de governar, proteger e promover o desenvolvimento da Capitania na qual se tornasse responsável. Por conta de o sistema de Capitanias Hereditárias não funcionar muito bem, ainda no século XVI inicia o processo de retorno das capitanias para a Coroa, por compra ou confisco. Progressivamente retomadas pela Coroa, o sistema das capitanias é extinto em 1759, na administração do Marquês de Pombal.

Além dessa primeira divisão interna, ocorreram outras modificações na configuração do território brasileiro até o Brasil chegar a configuração territorial que é conhecida atualmente. Destacamos, no entanto, algumas propostas de divisão regional do Brasil instituídas nos séculos XIX e XX.

Em meados do século XIX e início do Século XX, anterior à divisão regional oficial criada pelo Instituto brasileiro de geografia e estatística (IBGE), surgem algumas propostas de divisão regional do Brasil das quais Guerra (1968) destaca as seguintes: a de André Rebouças (1889), que dividiu o país em 10 áreas agrícolas; a de Elisée Réclus (1893), que dividiu o país em 8 regiões; a de Said Ali (1905), propondo 5 regiões para o Brasil; a de Delgado de Carvalho (1913), que serviu de base para a primeira divisão oficial, articulada por Fabio de Macedo Soares Guimarães; a de Pierre Denis (1927), que dividiu o país em 6 regiões; e a de Betim Paes Leme (1937), que propôs uma divisão do brasil em 7 regiões.

Segundo Contel (2014), no final da década de 30, o IBGE realiza a primeira divisão regional oficial do Brasil que se institucionaliza em 31 de janeiro de 1942. O Chefe da Divisão de Geografia do Conselho Nacional de Geografia do IBGE, Fabio Macedo Soares Guimarães, foi o principal articulador e teórico dessa divisão do território brasileiro. Guimarães afirma que

> a divisão regional mais adequada, mesmo do ponto de vista prático, é a que mais se aproximar das realidades geográficas; ou, em outras palavras, tais regiões devem assemelhar-se o mais possível às 'regiões naturais'. Cabe assim ao geógrafo fornecer a base para a solução do problema prático, resolvendo previamente o teórico, do ponto de vista científico, com o estabelecimento duma divisão em 'regiões naturais' (GUIMARÃES, 1942, p. 5).

Assim, a proposta original da primeira divisão regional oficial do território brasileiro, instituída por Guimarães (1942), pautou-se nas regiões naturais do Brasil. Nessa divisão, o país foi dividido em 5 principais regiões: Norte, Nordeste, Leste, Sul e Centro Oeste.

Nas décadas de 1950 e 60, o IBGE prossegue os estudos sobre a divisão territorial do Brasil, buscando aperfeiçoar o debate sobre essa divisão. Segundo Contel (2014), após a Segunda Guerra Mundial ocorrem mudanças na configuração territorial do Brasil, tais como, a extensão das redes rodoviárias por todo o território brasileiro, o processo de industrialização mais intenso, a urbanização acelerada, dentre outros. Com essas modificações do espaço nacional, as regiões naturais não mais dariam conta de explicar o território brasileiro "e tampouco a divisão regional de 1942 teria efetiva capacidade de organizar as estatísticas

territoriais e dar subsídios para a consecução dos Planos do Governo Federal[24]" (CONTEL, 2014, p. 5).

Como explica Contel (2014), a partir de 1967 o IBGE começa a trabalhar na elaboração de uma nova regionalização do Brasil. Em seus estudos, os pesquisadores e técnicos do IBGE passam a pensar o território considerando o desenvolvimento econômico. Com novos pensamentos sobre a questão regional

> e com o próprio avanço na produção de conhecimento pelos pesquisadores do IBGE no período, foram propostas, no final da década de 1960, 'três novas divisões regionais no Instituto: (1) uma visando o planejamento econômico; (2) outra procurando dar subsídios para a descentralização da ação administrativa estatal; e (3) uma última mais abrangente, para fins estatísticos (que nos interessa mais de perto)' (CONTEL, 2014, p. 7).

Essa divisão regional do território brasileiro para fins estatísticos foi oficializada em 23 de novembro de 1970. Esta regionalização divide o Brasil em cinco regiões, como as conhecemos nos dias de hoje: Região Norte, Região Nordeste, Região Sudeste, Região Sul e Região Centro-Oeste. A **Região Norte** é formada pelos estados de Roraima, Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia e Tocantins. O **Nordeste brasileiro** é composta pelos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. A **região Sudeste** é formada pelo Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. O **Sul do Brasil** é composta pelos estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. E, por fim, a **Região Centro-Oeste** é composta pelos estados de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e pelo Distrito Federal.

Entre os anos de 1989 e 1990, o IBGE propõe a última modificação importante na regionalização do território brasileiro. Segundo Contel (2014),

> a proposta final de nova divisão regional foi aprovada no IBGE através da Resolução PR-52, de 31 de julho de 1989, e teve sua institucionalização definitiva pela Resolução no. 11 da Presidência do IBGE de 5 de junho de 1990. Os resultados da pesquisa foram publicados entre os anos de 1990 e 1992, numa coleção com dois volumes, denominada *Divisão do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas* (CONTEL, 2014, p. 9).

[24] Com o Golpe Militar de 1964, "o poder público passa a 'interferir em praticamente todos os setores do sistema econômico nacional', com planos globais de intervenção como o Programa de Ação Econômica do Governo (1964-66), o Plano Decenal de Desenvolvimento Econômico (1967-1976) e o Programa Estratégico de Desenvolvimento (1968-70)" (Ianni, 1979, p. 226 *apud* Contel, 2014, p. 5).

Nessa proposta de divisão do território brasileiro, o Brasil encontra-se dividido em mesorregiões e microrregiões. Na introdução do primeiro volume da "Divisão do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões geográficas", redigida por Solange Tietzmann Silva, Chefe do Departamento de Geografia do IBGE, tem-se que as funções do trabalho seriam "servir à divulgação de dados estatísticos [...] e oferecer elementos para a compreensão da organização do território nacional" (IBGE, 1990, p.7).

Isto posto, passaremos à análise de sequências discursivas de textos, nas quais podemos identificar em funcionamento efeitos-sentido de divisão do Brasil entre eleitores, conforme as regiões geográficas com as quais se identificam.

3.3 Efeitos-sentido de divisão do Brasil por região: Eleições de 2006

As Eleições Presidenciais de 2006, como explicamos no capítulo anterior, foi disputada em dois turnos. O primeiro turno foi disputado pelos candidatos Luís Inácio Lula da Silva (PT); Geraldo Alckmin (PSDB); Cristovam Buarque (PDT); José Maria Eymael (PSDC); Luciano Bivar (PSL); e Ana Maria Rangel (PRP). O segundo turno, disputado pelos candidatos Luís Inácio Lula da Silva (PT) e pelo candidato Geraldo Alckmin (PSDB), levou o candidato Lula à reeleição à Presidência da República com uma diferença de cerca de 20.751.864 votos em relação ao outro candidato.

Considerando a circulação do discurso de que nas Eleições Presidenciais de 2006 houve uma divisão do Brasil, entre eleitores, por região geográfica, analisamos quatro sequências discursivas. No desenvolvimento das análises, mobilizamos os conceitos de discurso (efeitos-sentido entre lugares determinados na estrutura social) e de memória discursiva que reatualiza sentidos ditos antes em outros lugares, conforme postula Pêcheux (1983a). Posto isto, vejamos a sequência discursiva 14:

> (14) [...] Calcula-se que **a classe média atualmente seja formada por 15 milhões de famílias, centralizadas nos estados mais ricos e industrializados do país, como São Paulo e Rio Grande do Sul. É justamente nas regiões Sul e Sudeste que Lula está colhendo, por enquanto, seu pior desempenho eleitoral** [...] (VEJA, 06/09/2006, p. 65, grifo nosso).

Nessa sequência, funciona o efeito-sentido de divisão do Brasil, entre eleitores, conforme a região geográfica. A expressão "É justamente nas regiões Sul e Sudeste que Lula está colhendo, por enquanto, seu pior desempenho eleitoral" indica que, no efeito-sentido identificado, o eleitor das regiões Sul e Sudeste, que discursivamente são as regiões mais industrializadas e mais desenvolvidas do Brasil, não se identifica com o candidato Lula (PT).

A sequência 15 discursiviza sobre a divisão dos eleitores do Brasil, conforme a região geográfica, entre dois candidatos à Presidência da República: Luís Inácio Lula da Silva, do PT; e Geraldo Alckmin, do PSDB.

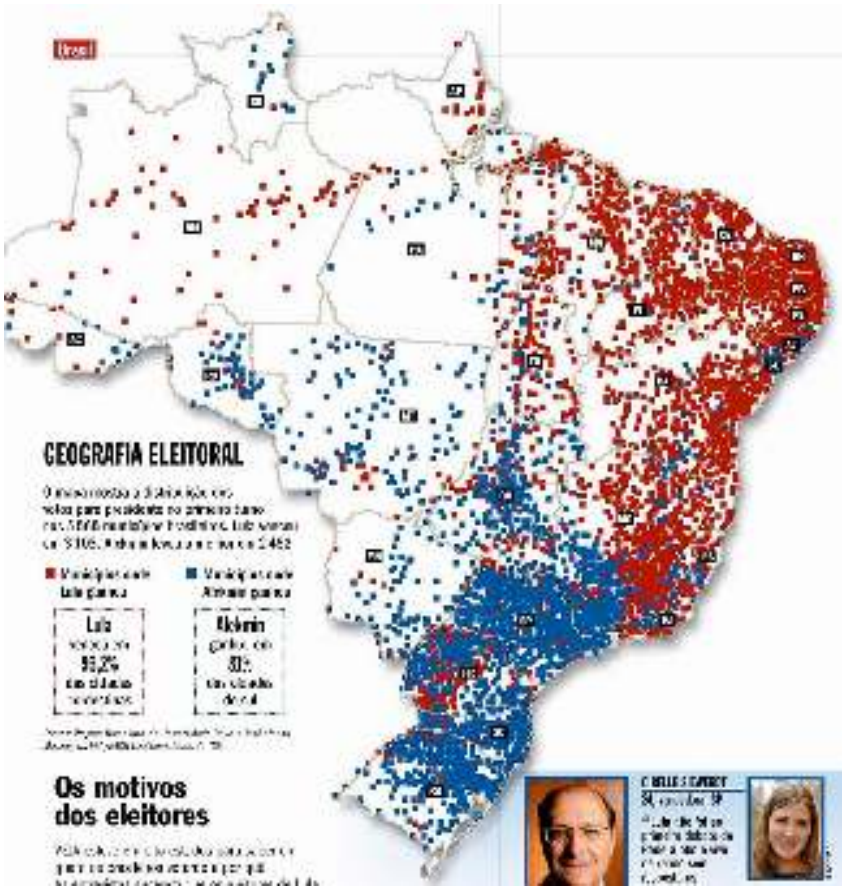
> (15) **No primeiro turno, Lula obteve uma votação consagradora no Norte e no Nordeste, mas também teve excelente desempenho no norte de Minas Gerais, no Espirito Santo e no norte do Rio de Janeiro – justamente as áreas mais pobres da região Sudeste. Alckmin concentrou sua votação nas regiões Sul, Centro – Oeste e Sudeste. Em Minas Gerais, foi o mais votado no sul e no Triângulo Mineiro – justamente as áreas ricas do estado [**...] (VEJA, 01/11/2006, p. 67-68, grifo nosso).

Nessa materialidade significante, identificamos o funcionamento do efeito-sentido de divisão dos eleitores, entre candidatos, conforme a região e o estado brasileiro. Nesse efeito-sentido, a situação econômica marca a divisão. Enquanto na materialidade significante 14 o eleitor do candidato Lula não se identifica com as áreas mais desenvolvidas do Brasil, na sequência discursiva 15 o eleitor do candidato Lula se identifica com algumas das áreas mais pobres do Brasil: regiões Norte e Nordeste, norte de Minas gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Diferentemente, o eleitor do candidato Aécio Neves se identifica com algumas das áreas mais ricas do Brasil: regiões Sul, Centro-Oeste e Sudeste, sul de Minas Gerais e Triangulo mineiro.

A sequência discursiva 16, apresentada na figura 2, assim como a sequência discursiva 1, apresentada na figura 1 e analisada no capítulo 2, é constituída pelo verbal-imagético. Ressaltamos que, segundo Pêcheux (1983a), assim como a língua é opaca e, logo, atravessada pelo discurso que a constitui, a imagem é também materialidade de discurso. Assim, a materialidade linguístico-imagética 16, que se constitui de um mapa do Brasil acompanhado de algumas formulações linguísticas sobre a distribuição dos votos, no Brasil, no primeiro turno das Eleições Presidenciais de 2006, é atravessada por discurso (efeito-sentido). Vejamos:

(16)

Figura 2 – VEJA, 01/11/2006, p. 70



Nessa sequência discursiva, o mapa do Brasil está pintado nas cores azul e vermelho. Conforme a legenda, ao lado do mapa, a cor vermelha indica os municípios onde Lula venceu e a cor azul indica os municípios onde Alckmin venceu. Observamos que no funcionamento da memória discursiva (PÊCHEUX 1983a; 1983b), as cores azul e vermelho indicam uma relação da cor vermelha com o Partido dos Trabalhadores (PT), representado, nas eleições presidenciais de 2006, pelo candidato Lula, e da cor azul com o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), representado, nessa mesma eleição, pelo candidato Geraldo Alckmin.

Identificamos, nesta sequência, o funcionamento do efeito-sentido de uma divisão do Brasil, entre eleitores, conforme a região, o estado e o município. Nesse efeito-sentido, o eleitor dos municípios dos estados da região Nordeste se identifica com o candidato Lula e o eleitor dos municípios dos estados da região Sul se identifica com o candidato Geraldo Alckmin.

Na sequência discursiva 17 funciona o efeito-sentido de uma divisão dos eleitores, por região. Nesse efeito-sentido, o voto em Lula está associado ao Programa Bolsa Família.

> (17) [...] **'Nos grotões e nas periferias pobres das grandes cidades, o voto está fortemente condicionado** às alianças que os candidatos firmam com lideranças regionais e **à avaliação imediatista que o eleitor faz dos benefícios que poderá receber com seu voto'** [...] Prova disso é **o impacto do programa Bolsa Família na votação que Lula obteve no primeiro turno. Do mês de junho para julho, início oficial da campanha eleitoral, o governo aumentou os gastos com o programa em 60%.** O resultado foi que, **no Nordeste, a região mais beneficiada pelo programa, Lula venceu em nada menos do que 93% dos municípios** [...] (VEJA, 01/11/2006, p. 72, grifo nosso).

Na discursivização da sequência 17, o Programa Bolsa Família é o fator que leva o candidato Lula a obter maior votação, em relação aos outros candidatos, na região Nordeste, a mais pobre do Brasil. A identificação do eleitor com o candidato Lula está relacionada com o Bolsa Família. Sendo assim, Lula venceu os outros candidatos em 93% dos municípios do Nordeste porque foi a região em que um maior número de famílias foi beneficiado pelo Programa.

Observamos que, na formulação linguística "do mês de junho para julho, início oficial da campanha eleitoral, o governo aumentou os gastos com o programa em 60%", funciona o efeito-sentido de que o Programa Bolsa Família foi utilizado pelo governo do PT de forma eleitoreira. Nesse efeito-sentido, o eleitor do Nordeste e o eleitor dos "grotões e periferias pobres das grandes cidades", que vota em Lula nas eleições de 2006, é beneficiário do Programa.

Na análise das sequências discursivas 14, 15, 16 e 17, identificamos dois efeitos-sentido: o efeito-sentido de uma divisão do Brasil, entre eleitores, por região, estado e município e o efeito-sentido de que o Programa Bolsa Família foi utilizado pelo governo do PT de forma eleitoreira.

No primeiro efeito-sentido identificado, i) a situação econômica marca a divisão dos eleitores, entre candidatos, conforme a região e o estado; ii) o eleitor do candidato Lula não se identifica com as regiões mais industrializadas e mais desenvolvidas do Brasil; iii) o eleitor do candidato Lula se identifica com as áreas mais pobres do Brasil; iv) o voto em Lula está associado ao Programa Bolsa família; v) o eleitor dos municípios dos estados da região Nordeste se identifica com o candidato Lula e o eleitor dos municípios dos estados da região Sul se identifica com o candidato Geraldo Alckmin. No segundo efeito-sentido, o eleitor do Nordeste, e também o eleitor dos "grotões e periferias pobres das grandes cidades", que vota em Lula nas eleições de 2006, é beneficiário do Programa Bolsa Família.

3.4 Efeitos-sentido da divisão do Brasil por região: Eleições de 2010

As Eleições Presidenciais de 2010 ocorreram em dois turnos. No primeiro turno, realizado no dia 3 de outubro, essas eleições foram disputadas por nove candidatos, são eles: Américo de Souza (PSL), Dilma Rousseff (PT), Ivan Pinheiro (PCB), José Maria do Eymael (PSDC), José Serra (PSDB), Levy Fidélix (PRTB), Marina Silva (PV), Mario de Oliveira (PTdoB), Oscar Silva (PHS), Plínio Sampaio (Psol), Ruy Costa Pimenta (PCO) e Zé Maria (PSTU).

O segundo turno, realizado no dia 31 de outubro, foi disputado entre os candidatos José Serra (PSDB) e Dilma Rousseff (PT). O candidato do PSDB obteve 43,95%, 41.711.388 votos, e a candidata do PT obteve 56,05%, 55.752.529 votos[25], tornando-se, assim, a primeira mulher eleita da história política do Brasil. Como indicam os dados, a candidata Dilma Rousseff venceu o candidato José Serra por uma diferença de 14.041.141 votos, uma diferença menor do que a obtida entre Luís Inácio Lula da Silva e Geraldo Alckmin no segundo turno das eleições de 2006, cerca de 20.751.864 votos.

Nas eleições de 2010, assim como nas Eleições Presidenciais de 2006, circulou o discurso de que houve uma divisão do Brasil, entre eleitores, conforme a região geográfica. Analisamos quatro sequências discursivas para mostrar o funcionamento desse efeito-sentido.

> (18) [...] **O eleitor padrão de Serra está no Sul. Já nas regiões norte e nordeste, o tucano enfrenta maior resistência** [...] (VEJA, 18/08/2010, p. 66, grifo nosso).
>
> (19) [...] **Atualmente o eleitor padrão de Dilma** [...] **mora longe dos grandes centros urbanos** (VEJA, 18/08/2010, p. 67, grifo nosso).
>
> (20) **Já o de Marina Silva vive na região Sudeste e reside nas capitais** [...] (VEJA, 18/08/2010, p. 67, grifo nosso).

Nas sequencias 18, 19 e 20, funciona o efeito-sentido de divisão do Brasil, entre eleitores, por região. Nesse efeito-sentido, o eleitor da região Sul identifica-se com o candidato José Serra (PSDB), o eleitor da região Sudeste identifica-se com a candidata Marina Silva (PV) e o eleitor que mora longe dos grandes centros urbanos identifica-se com a candidata Dilma Rousseff (PT).

[25] Dados disponíveis em: <http://eleicoes.folha.uol.com.br/2010/2turno/apuracao-presidente.shtml>. Acesso em: 05 de out. de 2015.

Para identificarmos as regiões que não se classificam como “grandes centros urbanos” e com as quais o eleitor de Dilma Rousseff se identifica, é necessário compreender, primeiramente, os estados que se classificam como grandes centros urbanos. Conforme informações do Censo Demográfico (IBGE, 2011)

> A diminuição do volume da população rural concomitantemente ao incremento da população urbana indica a tendência de aumento da urbanização no Brasil, que, a partir de 1950, deixa de ser um País de características rurais para caminhar no sentido de um País mais urbanizado, quando a expansão do Parque Industrial do Sudeste, particularmente do Estado de São Paulo, passa a atrair uma grande massa de população migrante originária de áreas de estagnação econômica do Nordeste (IBGE, 2011, p. 45).

Dessa forma, em consequência da estagnação econômica e também das constantes secas, muitos nordestinos migraram para o estado de São Paulo, e também para outros estados da região Sudeste, a exemplo do Rio de Janeiro, buscando prosperidade econômica. Essa migração de nordestinos, e também de pessoas oriundas de áreas rurais para áreas urbanas, contribuiu para a formação dos grandes centros urbanos do Brasil. Devido a concentração de grande população urbana e de grandes empresas, indústrias, universidades, hospitais, entre outros, o estado de São Paulo, juntamente com o estado de Minas Gerais e Rio de Janeiro, respectivamente, segundo o Censo Demográfico (IBGE, 2011), são os estados que possuem as maiores populações urbanas do Brasil. Assim, três dos grandes centros urbanos do país estão situados na região Sudeste.

Conforme o IBGE (2011), as regiões que apresentam maior grau de urbanização são, respectivamente: a região Sudeste, com 92,9%, a região Centro-Oeste, com 88,8% e a região Sul, com 84,9% de população urbana. As “regiões Norte e Nordeste são as menos urbanizadas, com mais de ¼ de suas populações vivendo em áreas rurais” (IBGE, 2011, p. 46).

Assim, considerando as condições de produção históricas expostas, de um lado, e tomando as materialidades linguísticas 18, 19 e 20 como sequências discursivas atravessadas pelo discurso de divisão dos eleitores por região, observamos que a memória discursiva acerca das regiões brasileiras, isto é, tudo o que foi dito e silenciado sobre essas regiões, possibilita uma relação de sentido da expressão “grandes centros urbanos” com as expressões “Sul”, “Sudeste”, “Norte” e “Nordeste”. Nessa relação, “Sul” e “Sudeste” identificam-se como “grandes centros urbanos” enquanto que “Norte” e “Nordeste” não se identificam. Assim, o eleitor que “mora longe dos grandes centros urbanos”, o eleitor da candidata Dilma Rousseff,

é aquele que se identifica com as regiões “Norte” e “Nordeste”. Pêcheux (1983a) não dissocia memória discursiva do real histórico e do real político. O funcionamento do efeito-sentido identificado supõe as práticas de que ele é portador.

A sequência discursiva 21 discursiviza sobre a divisão das cinco regiões do Brasil, nas Eleições Presidenciáveis de 2010, entre dois candidatos. Vejamos:

> (21) Passadas três semanas da largada oficial da campanha de 2010, a pesquisa de intenção de voto realizada pelo Instituto Datafolha joga luz sobre a força política das duas legendas (PSDB e PT) e expõe o **matiz da geografia do voto nacional.** As enquetes mostram como **as cinco regiões do País se dividiram em dois blocos partidários** com margens de vantagem cada vez mais apertadas. Numa imagem colorida, **o Brasil segue azul e vermelho – respectivamente, as cores das agremiações tucana e petista. A maioria dos eleitores da parte de cima do mapa nacional ainda está mais afinada com a candidatura da petista Dilma Rousseff e a maioria dos votantes do Sul e Sudeste identificam-se mais com o tucano José Serra. Entre os mais de 135 milhões de pessoas aptas a votar, quase cinco em cada dez eleitores concentram-se nos Estados do Sul e Sudeste. Nessas duas regiões, que compreendem sete Estados, o PSDB contabiliza uma vantagem de mais de cinco milhões de intenções de voto, saldo que zera o prejuízo tucano amealhado no Norte, Centro-Oeste e Nordeste, onde Dilma larga com idêntica superioridade de crédito eleitoral – cinco milhões de intenções de voto** [...] (ISTOÉ, 04/08/2010).

Essa sequência discursiviza que “Entre os mais de 135 milhões de pessoas aptas a votar, quase cinco em cada dez eleitores concentram-se nos Estados do Sul e Sudeste”. Informações provenientes do Censo demográfico (IBGE, 2011) sobre a distribuição da população brasileira por grandes regiões, indicam que a região Sudeste é a mais populosa do Brasil, seguida, respectivamente, pelas regiões Nordeste, Sul, Norte e Centro-Oeste. Em relação a constatações anteriores, as regiões Sudeste e Nordeste sempre apresentaram as maiores proporções de população, mas os percentuais observados em 2010 são os mais baixos já registrados. Segundo Alves e Cavenaghi (2012),

> a região Nordeste abarcava quase 50% da população brasileira em 1872. Esta percentagem veio caindo e chegou a 28% em 2010. A região Sudeste tomou a frente em 1900 e se manteve como a região mais populosa do país, mas nas últimas décadas tem a tendência de cair de cerca de 45% para 40%. A região Sul é a terceira colocada em tamanho de população, mas também vem perdendo posição relativa. O NO e o CO são as duas menores regiões em termos de população (mas não em termos de território) e estão crescendo em ritmo mais rápido e estão ganhando posições relativas nos últimos anos. Ou seja, está havendo um processo de desconcentração regional e espacial da população brasileira. Mas evidentemente as regiões Sudeste e Nordeste

> continuam e devem continuar como as duas principais regiões durante o restante do século (ALVES; CAVENAGHI, 2012, p. 4).

Assim, embora a região Sul seja a terceira região mais populosa do Brasil, está ao lado da região Sudeste no que concerne a concentração de pessoas aptas a votar.

A sequência 21 discursiviza, ainda, que, nas Eleições Presidenciais de 2010, "as cinco regiões do País se dividiram em dois blocos partidários", representados pelas cores azul, da "agremiação Tucana", isto é, o PSDB, e vermelho, da agremiação "petista", o PT. No entanto, a formulação "a maioria dos eleitores da parte de cima do mapa nacional ainda está mais afinada com a candidatura da petista Dilma Rousseff e a maioria dos votantes do Sul e Sudeste identificam-se mais com o tucano José Serra" indica que essa divisão dos eleitores das regiões brasileiras não se dá, necessariamente, entre partidos, mas entre os candidatos que representam esses partidos. Assim, na sequência discursiva 21 funciona o efeito-sentido de divisão do Brasil, entre eleitores, por região. Nesse efeito-sentido, "a maioria dos eleitores da parte de cima do mapa", isto é, das regiões Norte, Nordeste e Centro Oeste, identificam-se com a candidata Dilma Rousseff (PT), e a maioria dos eleitores das regiões Sul e Sudeste se identificam com o candidato José Serra (PSDB).

Enfim, a análise das sequências discursivas 18, 19, 20 e 21, enquanto materialidades significantes, indica a repetição do funcionamento do efeito-sentido de divisão do Brasil, entre eleitores, por região, situando a memória do lado da regularização. Nesse efeito-sentido, como mostrado, o eleitor da região Sul identifica-se com o candidato José Serra (PSDB), o eleitor da região Sudeste identifica-se ou com o candidato José Serra ou com a candidata Marina Silva (PV) e o eleitor das regiões Norte e Nordeste identifica-se com a candidata Dilma Rousseff (PT).

3.5 Efeitos-sentido de divisão do Brasil por região: Eleições de 2014

As Eleições Presidenciáveis de 2014, como explicamos no capítulo anterior, foi disputada em dois turnos. O primeiro turno foi disputado pelos candidatos Aécio Neves (PSDB), Dilma Rousseff (PT), Eduardo Jorge (PV), José Maria Eymael (PSDC), Levi Fidelix (PRTB), Luciana Genro (PSOL), Marina Silva (PSB), Mauro Iasi (PCB), Pastor Everaldo (PSC), Rui Costa Pimenta (PCO) e Zé Maria (PSTU). No segundo turno, disputado entre os candidatos Aécio Neves (PSDB) e Dilma Rousseff (PT), a candidata do PT obteve a vitória com uma pequena diferença de votos.

Como observamos nas análises anteriormente realizadas neste capítulo, nas Eleições Presidenciais de 2006 e 2010 circulou o discurso de que houve divisão do Brasil, entre eleitores, conforme a região geográfica. Considerando que nas Eleições Presidenciais de 2014 também circulou esse discurso, analisamos quatro sequências discursivas de textos que discursivizam sobre essas eleições, para mostrar como se deu o funcionamento:

> (22) **O Brasil que saiu das urnas é um País claramente rachado em dois. O resultado eleitoral no segundo turno disputado entre Dilma Rousseff e Aécio Neves mostrou que eleitores das regiões Norte e Nordeste, mais dependentes de programas de transferência de renda, como o Bolsa Família, optaram por manter no poder o partido que ampliou o assistencialismo, o PT, enquanto os das regiões Sul e Sudeste, mais produtoras e que mais pagam impostos, apostaram na oposição, representada pelo PSDB** [...] (ISTOÉ, 05/11/14, grifo nosso).

A sequência 22 discursiviza sobre uma divisão do Brasil, um "racha", em duas partes nas Eleições Presidenciáveis de 2014. Esse racha, essa divisão, como veremos a seguir, é tanto entre os eleitores quanto entre as regiões brasileiras.

O resultado eleitoral do segundo turno, no qual o candidato Aécio Neves (PSDB) obteve 48,36%, 51.041.155 votos e a candidata Dilma Rousseff (PT) obteve 51,64%, 54.501.118 votos[26], indica o efeito-sentido de divisão do Brasil entre eleitores, conforme a região geográfica. Nesse efeito-sentido, o eleitor das regiões Norte e Nordeste identifica-se com a Candidata do PT e o eleitor das regiões Sul e Sudeste identifica-se com o candidato do PSDB. Assim, o sentido (efeito) de "racha" do Brasil está associado à divisão dos eleitores, conforme a região, entre dois candidatos.

Na sequência discursiva 22, funciona, também, um efeito-sentido de oposição entre as regiões brasileiras. Nesse efeito-sentido, o desenvolvimento econômico das regiões brasileiras indica uma oposição entre quatro regiões brasileiras. Nessa oposição, as regiões Norte e Nordeste são as "mais dependentes de programas de transferência de renda" porque são as duas regiões menos desenvolvidas do Brasil e as regiões Sul e Sudeste são as "mais produtoras e que mais pagam impostos" porque são as mais desenvolvidas do país. Ainda nesse efeito-sentido de oposição entre as regiões brasileiras, o sentido (efeito) de "racha" do Brasil associa-se à oposição entre duas partes do Brasil representadas pelas regiões Norte-Nordeste, por um lado, e Sul-Sudeste, por outro.

---

[26] Dados disponíveis em: <http://eleicoes.folha.uol.com.br/2014/2turno/presidente/br.shtml>. Acesso em 05 de out. de 2015.

Considerando que o Brasil é um país dividido em cinco regiões geográficas, Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste, como mostramos no primeiro tópico desse capítulo, observamos nos dois efeitos-sentido identificados, e acima mencionados, uma ausência de referência à região Centro-Oeste. Essa ausência possibilita o sentido (efeito) de uma divisão do território brasileiro em quatro, e não em cinco, regiões.

Na sequência discursiviza 23, que trata sobre as consequências provocadas pelo discurso de uma divisão do Brasil em dois nas eleições Presidenciais de 2014, funciona também o efeito-sentido de divisão geográfica do Brasil. Vejamos:

> (23) **Não só no calor da campanha como também nos dias pós-eleição, o reflexo dessa divisão pôde ser observado nas ruas e nas redes sociais. Na semana passada, pipocaram nas redes abaixo-assinados em favor da separação do País entre Norte-Nordeste e Sul-Sudeste. Milhões de assinaturas foram recolhidas por meio do Facebook. Por mais absurdas que sejam essas propostas, a quantidade de adesões revela o racha existente hoje no País** [...] (ISTOÉ, 05/11/2014, grifo nosso).

Diferentemente dos efeitos-sentido de divisão do Brasil, observados nas sequências discursivas analisadas anteriormente, na sequência 23, a divisão não é entre eleitores conforme a região geográfica, mas uma divisão das regiões do território brasileiro. No "desejo" por essa divisão, expresso no *Facebook*, o Brasil se dividiria geograficamente entre as regiões Norte-Nordeste e Sul-Sudeste. A circulação do discurso de que os eleitores das regiões Norte e Nordeste votaram na candidata do PT e os eleitores das regiões Sul e Sudeste votaram no candidato do PSDB possibilitou a circulação desse discurso divisionista e discriminatório,[27] no qual o Brasil se divide em dois países. Assim, o discurso de uma divisão dos eleitores, por região, entre candidatos, possibilitou o (re) aparecimento do discurso de divisão geográfica, isto é, territorial, do Brasil.

As regiões Norte e Nordeste, que nessa divisão geográfica do Brasil ficariam juntas, formando um país, são, como vimos na sequência discursiva 22, as duas regiões mais pobres e "mais dependentes de Programas de transferência de renda, como o Bolsa Família" e também as regiões nas quais a maioria dos eleitores optaram por manter no poder a candidata Dilma Rousseff (PT). As regiões Sul e Sudeste, que formariam o outro país, são, diferentemente, as "mais produtoras e que mais pagam impostos" e também são as regiões nas quais a maior parte

[27] No capítulo 4 discutiremos sobre a circulação do discurso divisionista e discriminatório nas redes sociais, a partir das Eleições Presidenciáveis de 2014.

dos eleitores optou pelo candidato Aécio Neves, do PSDB, o que também observamos na sequência discursiva 22.

Na sequência discursiva 24, discursiviza-se sobre a divisão social e regional do Brasil nas eleições Presidenciáveis de 2014. Vejamos:

> (24) O problema é que **a unificação de um país com as dimensões e as diferenças do Brasil** não é uma tarefa fácil e tampouco pode ser feita em curto prazo. Por outro lado, considerando exemplos de países desenvolvidos, especialistas garantem que a governabilidade não está ameaçada, como parece à primeira vista **diante do mapa eleitoral mostrando o País dividido por linhas sociais e regionais. "Essa divisão é mesmo novidade para o Brasil.** Em outras nações robustas e democráticas, os vencedores governam com uma pequena margem de vantagem", diz Antonio Lavareda, sociólogo e cientista político (ISTOÉ, 05/11/14, grifo nosso).

A sequência discursiva 24, como materialidade significante, é atravessada pelo discurso (efeitos-sentido) de que o Brasil é um país dividido. Esse discurso funciona em uma memória discursiva que retoma e atualiza sentidos[28] sobre a dimensão e as diferenças do Brasil (diferenças sociais, econômicas, regionais, culturais, etc.). A discursivização histórica sobre a dimensão, a divisão e as diferenças do Brasil possibilitam efeitos-sentido nos quais o Brasil, nas eleições Presidenciáveis de 2014, é um país i) socialmente dividido, o que observamos no primeiro capítulo; ii) geograficamente dividido; iii) e também eleitoralmente dividido. Essa divisão eleitoral do Brasil, nas eleições de 2014, funciona como uma novidade para o país e o que indica esse efeito-sentido é a "margem de vantagem", isto é, o resultado das eleições Presidenciáveis de 2014.

A sequência discursiva 25, apresentada a seguir, permite-nos uma melhor compreensão do efeito-sentido de novidade nas eleições de 2014. Vejamos:

> (25) **Em 2014, o Brasil viveu a eleição mais acirrada da história do seu período democrático. A vitória de Dilma Rousseff (PT) com a apertada margem de 3,4 milhões de votos** desenhou um cenário de divisões e acirramentos ideológicos [...] (ISTOÉ, 31/12/2014, grifo nosso).

A sequência 25 indica que, no funcionamento da memória discursiva da política do Brasil, há sentidos sobre a Ditadura Militar, sobre as eleições de 1989 e também sobre a

[28] Consideramos que os sentidos se constroem na sua relação com outros sentidos ditos antes e em outros lugares, reatualizados através de uma memória, Pêcheux (1983b).

disputa, entre candidatos, em eleições presidenciáveis anteriores às eleições de 2014. Como já dissemos no primeiro capítulo, a Ditadura Militar no Brasil inicia-se com o Golpe Militar de 31 de março de 1964 no qual o Presidente da República João Goulart foi afastado da presidência e o Marechal Castelo Branco toma o poder.

A partir desse golpe de estado, os militares passaram a conduzir o país e somente em 1985, quando o Colégio Eleitoral escolheu Tancredo Neves como o novo Presidente da República, essa ditadura chegou ao fim. Em 5 de outubro de 1988, a Assembleia Nacional Constituinte promulgou uma nova constituição que determina a realização de eleições diretas para presidente da República. Assim, em 1989 ocorreu a primeira eleição direta pós-ditadura que marca a retomada do regime democrático no Brasil.

A memória discursiva sobre as Eleições Presidenciais pós Ditadura Militar e anteriores às eleições de 2014, especificamente sobre os resultados dessas eleições, possibilita o efeito-sentido de novidade nas Eleições Presidenciais de 2014, isto é, de que "em 2014, o Brasil viveu a eleição mais acirrada da história do seu período democrático". A apertada margem de votos, que dá a vitória candidata Dilma Rousseff (PT), indica esse efeito-sentido de novidade no qual a eleição de 2014 foi a mais acirrada da história do período democrático do Brasil porque em nenhuma outra eleição, desse período, um candidato venceu o outro com diferença igual ou inferior a 3,4 milhões de votos.

Nas sequências discursivas 22, 23, 24 e 25, identificamos, portanto, o funcionamento de três efeitos-sentido: i) o efeito-sentido de uma divisão do Brasil, entre eleitores, por região. Nesse efeito-sentido, o eleitor das regiões Norte e Nordeste se identifica com a Candidata do PT e o eleitor das regiões Sul e Sudeste se identifica com o candidato do PSDB; ii) o efeito-sentido de oposição entre as regiões brasileiras. Nesse efeito-sentido, o desenvolvimento econômico das regiões brasileiras indica uma oposição entre Norte-Nordeste e Sul-Sudeste; iii) e o efeito-sentido de novidade. O que indica esse efeito-sentido é a apertada margem de votos, que dá a vitória candidata Dilma Rousseff (PT).

3.6 Considerações finais

Na análise de doze sequências discursivas de textos que discursivizam sobre as eleições presidenciais de 2006, 2010 e 2014, desenvolvidas, principalmente, com base nas concepções de discurso como efeito-sentido e de memória discursiva, identificamos o funcionamento de efeitos-sentido sobre a divisão geográfica do Brasil.

No efeito-sentido de uma divisão do Brasil, entre eleitores, por região, estado e município, identificado em sequências discursivas de textos que discursivizam sobre as Eleições Presidenciais de 2006, temos que: i) a divisão dos eleitores, entre candidatos, é marcada pela situação econômica; ii) o eleitor do candidato Lula não se identifica com as regiões mais industrializadas e mais desenvolvidas do Brasil, mas sim com as áreas mais pobres do país; iii) o voto em Lula associa-se ao Programa Bolsa família; iv) o eleitor dos municípios dos estados da região Nordeste se identifica com o candidato Lula e o eleitor dos municípios dos estados da região Sul se identifica com o candidato Geraldo Alckmin. Ainda nessas sequências discursivas, identificamos o efeito-sentido de que o Programa Bolsa Família foi utilizado pelo governo do PT de forma eleitoreira. Nesse efeito-sentido, o eleitor do Nordeste e o eleitor das áreas pobres das grandes cidades, que vota em Lula nas eleições de 2006, é beneficiário do Programa.

Em sequências que discursivizam sobre as eleições à Presidência da República de 2010, o efeito-sentido de divisão do Brasil, entre eleitores, por região, indicou que o eleitor da região Sul se identifica com o candidato José Serra, o eleitor da região Sudeste identifica-se ou com o candidato José Serra ou com a candidata Marina Silva e o eleitor das regiões Norte e Nordeste identifica-se com a candidata Dilma Rousseff.

Em sequências discursivas de textos sobre as eleições presidenciáveis de 2014, o funcionamento do efeito-sentido de divisão do Brasil, entre eleitores, por região, indicou que o eleitor das regiões Norte e Nordeste se identifica com a Candidata do PT e o eleitor das regiões Sul e Sudeste se identifica com o candidato do PSDB. Além desse efeito-sentido, identificamos também o efeito-sentido de oposição entre as regiões brasileiras, no qual o desenvolvimento econômico das regiões indica uma oposição entre Norte-Nordeste e Sul-Sudeste, e o efeito-sentido de novidade. A apertada margem de votos, que dá a vitória à candidata Dilma Rousseff (PT), e o funcionamento de uma memória discursiva sobre as eleições presidenciais pós Ditadura Militar e anteriores às eleições de 2014, possibilitam esse efeito-sentido de novidade.

Por fim, compreendendo, como Pêcheux (1983a), que a memória discursiva pode ser associada às inscrições ideológicas que determinam as tomadas de posição no interior dos processos discursivos, as análises deste capítulo indicaram que o efeito-sentido de que o Brasil é um país territorialmente dividido é retomado e atualizado nas materialidades significantes das eleições de 2014, pois, na memória discursiva, há um jogo de marcas dos tempos disjuntados que faz surgir ou reunir as temporalidades passadas, como as eleições de 2006, 2010, presentes, como as de 2014, e as que estão por vir.

4 MEMÓRIA DISCURSIVA E EFEITOS-SENTIDO DA DIVISÃO DO BRASIL ENTRE PETISMO E ANTIPETISMO

4.1 Considerações iniciais

Nos capítulos 2 e 3, respectivamente, identificamos, em sequências discursivas de textos que discursivizam sobre Eleições Presidenciais, o funcionamento dos efeitos-sentido de divisão socioeconômica do Brasil e os efeitos-sentido de divisão geográfica do Brasil. Neste capítulo, analisamos o funcionamento de efeitos-sentido de divisão do Brasil entre petismo e antipetismo, em sequências que discursivizam sobre as Eleições à Presidência da República de 2014.

A Eleição Presidencial de 2014 é compreendida, neste trabalho, como um acontecimento discursivo em que se dá um encontro entre uma memória e uma atualidade: memória que desestabiliza a própria memória. Conforme Pêcheux (1983a), um acontecimento discursivo, quando escapa à absorção da memória discursiva, pelo seu efeito-sentido, perturba, desestabiliza, não somente a própria memória, mas as redes e os trajetos de filiações históricas nas quais ele rompe.

Essa eleição marca a história política do Brasil por ter sido a mais acirrada e marcada pela divisão geográfica, entre Norte-Nordeste e Sul-Sudeste, pela divisão socioeconômica, entre ricos, pobres e classe média (classe intermediária) e pela competição entre os candidatos e também entre os eleitores.

A competição entre os candidatos, apresentada nos debates, assemelhava-se a um "vale-tudo", consistia em uma disputa marcada pela agressão verbal e pela desqualificação discursiva do adversário. No lugar da apresentação e discussão das propostas de governo de cada candidato, tinha-se mais, nos debates, o apontamento de problemas relacionados à vida política e também à vida privada dos adversários, visando assim persuadir o eleitor de que o outro candidato era o pior.

A competição, nessas eleições, atingiu também os eleitores, que aproveitaram as redes sociais para agredir verbalmente uns aos outros chegando ao ponto de solicitar uma divisão do país em dois. A vitória da candidata do PT, por uma margem apertada de votos, a circulação do discurso de que as regiões Norte e Nordeste a elegeram, e o uso das redes sociais, especialmente o *Facebook*, como veículo de comunicação que possibilita o acesso ao presente do acontecimento, contribuíram para a circulação e propagação de um discurso separatista.

Isto posto e considerando que a partir das eleições de 1989 até as eleições de 2014 o Brasil não emerge, mas (re)emerge dividido das urnas, analisamos, neste capítulo, a divisão entre petismo e antipetismo como o fato novo que surge nas Eleições Presidenciais de 2014. As redes sociais, especificamente o *Facebook* é considerado fator que diferencia a repercussão da Eleição Presidencial de 2014 das eleições anteriores.

Objetivando analisar os efeitos-sentido da divisão entre petismo e antipetismo nas Eleições de 2014, tratamos, neste capítulo, sobre: o Partido dos Trabalhadores (PT) nas Eleições Presidenciais de 1989 às eleições de 2014, tópico 4.2; efeitos-sentido de divisão do Brasil nas eleições de 2014, tópico 4.3; O *Facebook* e sua contribuição para a repercussão das Eleições de 2014, tópico 4.4; efeitos-sentido de petismo e antipetismo nas Eleições de 2014, tópico 4.5; efeitos-sentido de divisão do Brasil entre a posição-sujeito de eleitor petista e a posição-sujeito de eleitor antipetista nas eleições de 2014, tópico 4.6. Por fim, apresentamos as considerações finais, tópico 4.7. Nas análises, mobilizamos os conceitos de discurso (efeitos-sentido), sujeito (posição-sujeito) e memória discursiva, da Análise de Discurso, explicados no tópico 1.3 do capítulo 1 e mobilizados nos capítulos 2 e 3.

4.2 O Partido dos Trabalhadores (PT) nas eleições Presidenciais de 1989 a 2014

As condições de produção históricas do Partido dos Trabalhadores nas eleições presidenciais de 1989 a 2014, nos levam a um gesto de interpretação frente aos efeitos-sentidos produzidos de divisão entre petismo e antipetismo nas Eleições de 2014.

A fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) ocorreu em São Paulo no dia 10 de fevereiro de 1980. Nas Eleições de 1989 o PT lançou Lula, seu líder de maior expressão, como candidato à presidência. A campanha do PT, nessa eleição que marca a retomada da democracia no Brasil, serviu para divulgar o programa do partido, fortalecê-lo e popularizá-lo. Nas Eleições Presidenciais de 1989 ocorreu uma irrupção do PT e a cada nova eleição a força desse partido intensificou-se mais.

Lula (PT), além de concorrer às Eleições Presidenciais de 1989, na qual foi derrotado, no segundo turno, pelo candidato Collor de Mello (PRN), concorreu também às eleições de 1994 e 1998. Nessas eleições, Lula (PT) foi derrotado, ainda no primeiro turno, pelo candidato Fernando Henrique Cardoso (PSDB). Em 2002, mais uma vez Lula (PT) candidatou-se à Presidência e, no segundo turno dessas eleições, ao concorrer com o candidato José Serra

(PSDB), Lula foi eleito presidente. Em 2006, ao disputar o segundo turno com o candidato Geraldo Alckmin (PSDB), Lula (PT) foi reeleito.

Segundo dados divulgados no Portal G1[29], no segundo turno das Eleições Presidenciais de 1989, Lula (PT) obteve 46,97% dos votos. Nas Eleições Presidenciais de 1994 e 1998, que foram resolvidas no primeiro turno, Lula (PT) obteve, respectivamente, 39,97% e 31,71% dos votos. Nas Eleições Presidenciais de 2002, Lula (PT) foi eleito no segundo turno com 61,27 % dos votos. Em 2006, Lula (PT) foi reeleito, também no segundo turno, com 60,83% dos votos. Nas Eleições Presidenciais de 2010, Dilma Rousseff (PT) foi eleita no segundo turno com 56, 05% dos votos e, nas eleições de 2014, foi reeleita no segundo turno com 51,64% dos votos.

Com base nesses dados, observamos que da Eleição Presidencial de 1998 à eleição de 2002, em que Lula (PT) foi eleito pela primeira vez, houve um crescimento de 29,56% dos votos no candidato do PT; e da eleição de 2002 à eleição de 2014 ocorreu um decréscimo de 9,63% dos votos nos candidatos desse partido. Podemos citar como possíveis causas desse decréscimo de votos os escândalos de corrupção, em especial, o Mensalão e a Operação Lava Jato, que coincidiram com o período eleitoral das Eleições Presidenciais de 2006 e 2014, respectivamente.

Antes de tratarmos sobre a divisão entre petismo e antipetismo nas Eleições Presidenciais de 2014 e sobre o *Facebook* como rede social que contribui para o processo de intensificação desse processo de divisão do Brasil, discutiremos, de forma breve, sobre a circulação, em *Veja* e *Istoé,* do discurso de divisão do Brasil nas Eleições de 2014.

4.3 Efeitos-sentido de divisão do Brasil nas Eleições de 2014

Em reportagens veiculadas nas revistas *Veja* e *Istoé*, que discursivizaram sobre as Eleições Presidenciais de 2014, circulou o discurso[30] de que o Brasil emergiu dividido, das urnas, nessas eleições. Nas sequências discursivas 26, 27 e 28, é possível observar o funcionamento desse efeito-sentido. Vejamos:

> (26) Dilma Rousseff é reeleita depois de promover uma campanha destrutiva, como pouco se viu na história do País. O resultado foi uma vitória por uma

[29] Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/blog/eleicao-em-numeros/post/brasil-tem-eleicao-para-presidente-mais-apertada-desde-1989.html>. Acesso em: 15 de set. de 2015.

[30] Explicamos no capítulo 1, deste trabalho, que o discurso que interessa à Análise de Discurso (AD), e também ao nosso trabalho, não corresponde à fala do sujeito falante individual (PÊCHEUX, 1971), nem a um texto ou mensagem, mas sim a "um efeito de sentido entre os pontos A e B" (PÊCHEUX, 1969, p. 82), que não são sujeitos pragmáticos, mas lugares determinados na estrutura social.

> margem apertada e **um Brasil que sai rachado das urnas** (ISTOÉ, 31/12/2014, grifo nosso).
>
> (27) **As urnas dividiram o País por renda e escolaridade** [...] (ISTOÉ, 05/12/2014, grifo nosso).
>
> (28) [...] **As urnas racharam o País por renda e escolaridade** [...] (ISTOÉ, 31/12/2014, grifo nosso).

As formulações "um Brasil que sai rachado das urnas", "As urnas dividiram o País por renda e escolaridade" e "As urnas racharam o País por renda e escolaridade" indicam o funcionamento do efeito-sentido de que o Brasil emergiu dividido, das urnas, nas Eleições Presidenciais de 2014. No entanto, embora tenha circulado esse discurso, o Brasil não emergiu dividido nas eleições de 2014. Como mostramos nos capítulos 2 e 3, respectivamente, o discurso de divisão do Brasil por classe social circula, em reportagens das revistas *Veja* e *Istoé*, desde as Eleições Presidenciais de 1989 e o discurso de divisão do país por região circula desde as eleições de 2006[31]. Sendo assim, nas Eleições de 2014, o Brasil não emerge, mas (re)emerge dividido das urnas.

Posto que circulou, na mídia, o discurso de divisão do Brasil nas eleições de 2014, analisamos sequências discursivas veiculadas no *Facebook* para mostrar como se deu o funcionamento do efeito-sentido de divisão entre petismo e antipetismo no acontecimento das Eleições de 2014. Na análise, as novas mídias são tomadas como meios que contribuem para a intensificação e massificação desse efeito-sentido.

Considerando que um acontecimento discursivo se dá através do encontro de uma memória e de uma atualidade, como propõe Pêcheux (1983a; 1983b), observamos que efeitos-sentido sobre a divisão do Brasil (divisão socioeconômica, regional, partidária) são retomados e reatualizados, por meio desse encontro entre essa memória da divisão do Brasil e a atualidade das eleições de 2014. O efeito-sentido de divisão entre petismo e antipetismo surge como novo nessas eleições. As novas mídias e, especialmente, o *Facebook* contribuíram para a intensificação desse efeito de processo de divisão do Brasil.

Para compreensão da contribuição do *Facebook* na massificação do efeito-sentido do processo de divisão do Brasil entre petismo e antipetismo, é importante explicarmos, antes das análises das sequências discursivas, como se deu as condições de produção históricas da

[31] O sentido (efeito) de divisão do Brasil, do Sistema de Capitânias Hereditárias, é retomado no funcionamento de uma memória discursiva (PÊCHEUX 1983a; 1983b) que possibilita a reprodução de novos sentidos de divisão do Brasil: divisão regional, divisão social e divisão eleitoral.

emergência dessa rede social, o seu desenvolvimento ao longo dos anos, e a sua contribuição para a repercussão do efeito-sentido de divisão no processo das Eleições Presidenciais de 2014.

4.4 O *Facebook* e sua contribuição para a repercussão das Eleições de 2014

O *Facebook* é compreendido aqui, como toda mídia, como um lugar de memória discursiva, como ressaltamos no tópico 1.3 do capítulo 1. No tocante às condições de produção de sua emergência, salientamos que é uma rede social popular, cuja origem associa-se ao *Facemash*, um *website* colocado *online* em outubro de 2003 pelos estudantes universitários de Harvard Mark Zuckerberg, Andrew McCollum, Chris Hughes e Dustin Moskovitz. Segundo Correia e Moreira (2014), poucos dias após ser colocado no ar, o *website* foi desativado pelo Conselho de administração de Harvard que acusou Zuckerberg de quebra de segurança informática e de invasão de privacidade por usar fotografias do sistema da universidade para povoar seu site.

Em fevereiro de 2004, Mark Zuckerberg disponibilizou *online* o *website* nomeado de *TheFacebook*, um novo site inspirado no *Facemash*. Inicialmente, apenas alunos de Harvard eram permitidos de se cadastrar no sistema, mas, ao ver que o site tinha potencial de crescer, Zuckerberg permitiu a expansão do site para outras universidades. Neste mesmo ano, Sean Parker, fundador do *Napster*, um programa de compartilhamento de arquivos, principalmente arquivos de música no formato MP3, tornou-se o primeiro presidente do *TheFacebook*. Em 2005, "no seguimento da compra do domínio Facebook.com, Parker alterou o nome da empresa *TheFacebook* simplesmente para *Facebook*" (CORREIA E MOREIRA, 2014, p. 171).

Em 2005, 800 redes universitárias já tinham acesso ao *Facebook* e, em 2006, 22.000 redes comerciais também já tinham acesso a esse sistema. Com a permissão de acesso ao *Facebook* por qualquer internauta com endereço de *email* válido e com idade superior a 13 anos, ocorreu um crescimento rápido e contínuo do *Facebook*. Desde sua criação em 2004 até os dias de hoje, o *Facebook* vem se expandindo cada vez mais e adquirindo influência mundial. Através deste meio de comunicação, que oferece aos seus utilizadores formas rápidas de interação social, é possível publicar ou compartilhar mensagens, fotos, notícias, vídeos e comentá-los e até mesmo organizar protestos.

A chegada oficial do *Facebook* no Brasil ocorreu no ano de 2011 com a abertura de um escritório da rede em São Paulo. No ano de 2014, o Brasil foi o país que mais cresceu em

números de usuários do *Facebook*. Segundo dados divulgados por Nick Burcher[32], o Brasil tinha em dezembro de 2008, 2009, 2010 e 2011, respectivamente, um total de usuários do *Facebook* de 209.460; 2.413.900; 8.821.880; 35.157.560, o que indica um elevado crescimento de 2010 para 2011.

Conforme informações divulgadas no Portal G1[33] no ano de 2013, o Brasil possuía 76 milhões de usuários do *Facebook*, perdendo, assim, para os Estados Unidos e para a Índia. Apesar de perder para a Índia no total de usuários do *Facebook*, os brasileiros acessam mais a rede, diariamente, do que os indianos, o que faz com que o país seja o segundo no mundo em acesos diários, ficando apenas atrás do Estados Unidos. Em 2014, segundo dados divulgados no Portal G1[34], o número de usuários do *Facebook*, no Brasil, chegou a um total de 89 milhões. Desse total, 76% acessam o site através de aplicativos e de dispositivos móveis

Considerando o crescimento no total de usuários do *Facebook* no Brasil em 2014, em relação aos anos anteriores, e o uso dessa rede social como um meio de comunicação no qual as pessoas discutem sobre assuntos que vão além da vida pessoal, analisamos o processo discursivo das redes sociais, especificamente o *Facebook*, na circulação do efeito-sentido de divisão do Brasil nas Eleições Presidenciais de 2014.

Nas eleições de 1989, por exemplo, as pessoas tinham acesso a determinadas informações somente por meio da televisão, do jornal impresso ou das revistas e poucas eram as pessoas que tinham condições financeiras que possibilitavam o acesso a esses meios de comunicação. Nas eleições de 2014, diferentemente, a ascensão da tecnologia e a possibilidade de pessoas das mais diversas situações financeiras ter acesso a aparelhos tecnologicamente desenvolvidos permitiram que muitas pessoas tivessem acesso às redes sociais e, logo, às informações, as notícias no momento em que o fato ainda estava acontecendo ou que acabou de acontecer. A publicação instantânea de notícias, imagens, vídeos, dentre outros, tornam as redes sociais o diferencial da comunicação deste século XXI.

Uma vez que para se comunicar por meio da internet faz-se necessário o uso da leitura e da escrita, o acesso aos aparelhos digitais e, concomitantemente, à internet, "tem levado as pessoas a lerem mais e a usarem mais a escrita. Dessa forma, muitos internautas têm ficado

---

[32] Disponível em: <http://www.nickburcher.com/2012/01/Facebook-usage-statistics-by-country.html>. Acesso em: 03 de nov. de 2015.

[33] Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/09/brasil-e-o-2-pais-com-mais-usuarios-que-entram-diariamente-no-Facebook.html>. Acesso em: 03 de nov. de 2015.

[34] Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/08/oito-cada-dez-internautas-do-brasil-estao-no-Facebook-diz-rede-social.html>. Acesso em: 03 de nov. de 2015.

mais habilidosos no manuseio e na criação de formas específicas de lidar com a língua" (XAVIER, 2005, p. 1).

Xavier (2005), ao abordar sobre os diferentes comportamentos linguísticos diante dos diversos gêneros e contextos comunicativos, explica que "é natural que a cada nova necessidade de comunicação ou desejo de expressão do homem, haja modificações na forma de utilização da língua" (XAVIER, 2005, p. 10-11). Assim, cada gênero que emerge "demanda uma forma específica de usar a escrita, pois nem todo gênero textual precisa ser formal e utilizar a norma padrão da língua" (XAVIER, 2005, p. 11). Ao considerar a liberdade de expressão como conceito fundamental da internet, Xavier (2005) propõe que "hoje, mais do que ontem, valoriza-se não o só o que se diz, mas principalmente o direito de dizê-las, ainda que para tal se utilizem formas de escrita não convencionais" (XAVIER, 2005, p. 8).

Posto que as pessoas, tendo acesso a aparelhos digitais tecnologicamente desenvolvidos, passaram a se comunicar mais por meio da internet, e considerando a difusão e a importância das redes sociais nas Eleições Presidências de 2014, observamos que, diferentemente das eleições anteriores, especialmente das eleições de 1989, na qual os veículos de comunicação de massa eram a televisão e o rádio, nas eleições de 2014 o acirramento da disputa presidencial entre a candidata Dilma Rousseff (PT) e o candidato Aécio Neves (PSDB), no segundo turno dessas eleições, provocou uma intensificação das discussões e ofensas, entre internautas, nas redes sociais. Essas eleições foram marcadas por um forte "ring virtual", no qual os internautas postavam denúncias, boatos e ofensas aos candidatos e seus respectivos partidos e também aos eleitores do candidato oposto.

A repercussão das eleições de 2014 nas redes sociais, especialmente no *Facebook*, foi diferente da repercussão de eleições anteriores ocorridas em um contexto no qual as redes sociais ainda estavam no início da ascensão no Brasil e não eram utilizadas por uma quantidade significante de brasileiros. Nas eleições de 2010, por exemplo, embora milhões de pessoas já tivessem acesso à internet e ao *Facebook*, as discussões políticas, na rede, foram insignificantes se comparadas às discussões sobre as eleições de 2014. A popularização dos *smartphones*, um telefone celular composto por diversas tecnologias que se tornou comum a milhões de brasileiros de diversas classes sociais, facilitou o acesso de muitas pessoas à internet.

Com o acesso à internet, as pessoas passaram a utilizar, cada vez mais, as redes sociais, especialmente o *Facebook* que, como vimos anteriormente, atingiu grande número de usuários no Brasil em 2014. A grande quantidade de internautas no Brasil, no ano de 2014, e a polarização política entre os candidatos Dilma Rousseff e Aécio Neves contribuíram para uma grande repercussão das Eleições presidenciais de 2014, no *Facebook*.

Isto posto, passamos à análise de sequência discursivas de textos veiculados nessa rede social, no tópico 4.5, objetivando mostrar como se dá o funcionamento do efeito-sentido de divisão entre petismo e antipetismo.

4.5 Efeitos-sentido de petismo e antipetismo nas eleições de 2014

Realizamos a leitura de diversas páginas e grupos do *Facebook* e identificamos e separamos *posts* e comentários[35], veiculados nessa rede social no ano de 2014, que discursivizam sobre as eleições de 2014. Após a organização dos *posts* e comentários em pastas especificas por página pessoal ou grupo do *Facebook*, selecionamos, para análise, alguns *posts* e comentários, considerando, com base em Pêcheux (1983b, p. 53), que "toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série [...] de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação".

Nas sequências discursivas de 29 a 34, extraídas de um grupo do *Facebook*, identificamos o funcionamento do efeito-sentido de petismo nas Eleições de 2014. Vejamos:

> (29) [redacted] Olha vcs que votam no Aécio não devem ter boa memoria pois estes filas da putas mascaram o Brasil hoje que o pobre tem vez querem enfiar em nossas cabeças que estamos errados. Olha só quem fazia faculdade era o filho do rico hoje todos que querem fazem uma faculdade, o rico não gostar deste governo pois quem eles exploravam nos alugueis hoje tem casas cedidas pelo governo, são estes que não querem o PT no governo.
> Curtir · Responder · 11 de outubro de 2014 às 20:14

> (30) [redacted] Verdade, eu venho percebendo as jogadas da mídia! Mas jamais vai abalar o eu voto, estou/sou consciente do que Lula e Dilma Rousseff fizeram por mim e por milhares de brasileiros!#EuSouMaisDilmaVoto13 #PaísRicoéPaísSemManiplucação
> Curtir · Responder · 21 · 10 de outubro de 2014 às 13:46

> (31) [redacted] Eu sou Acadêmico do curso de licenciatura em Ciências da Natureza e, devo isso ao PT de Lula e Dilma que colocaram a UNIPAMPA aqui dentro da minha casa em Dom Pedrito e, penso que todos os Pedritense que estão na universidade deveriam pensa nisso na hora do voto.
> Curtir · Responder · 2 · 10 de outubro de 2014 às 18:03

> (32) [redacted] Mais corrupto que o Aecim Cachaça e Pó tá de difícil de encontrar ! Suas obras são dois aeroportos nas fazendas de familiares com dinheiro público e agora vem a público mais uma tramóia, envolvendo pagamento de dívidas da Rede GROBU com a empresa estatal mineira

[35] *Posts* são textos, frases, imagens, dentre outros, postados no *Facebook*. Já os comentários são opiniões, observações, críticas a algo que foi postado no *Facebook*.

CEMIG ! Coisa pesada,grossa,sujeira ,envolvendo dinheiro do povo !André Tealdi,lá em São Paulo os ICEBERGS , já flutuam no litoral norte,no guarujá ! A Suíssa, a França e a Alemanha já cansaram de mandar documentação comprobatória do TRENSALÂO,METROGATE, PROPINODUTO ! Porém ninguém sabe ninguém viu e a mídia segue acusando a nossa presidenta ! Aqui ninguém é bobo .
Curtir · Responder · 12 de outubro de 2014 às 15:30 · Editado

(33) [redacted] O seu partido [redacted] é formado de gangsters, mafiosos e todo tipo de canalhas ! Que há 20 anos assalta o estado de São Paulo ! Durante 8 anos entregaram nossas empresas e enfiaram o butim no rabo,ou melhor nos paraísos ficais !elevaram a taxa SELIC a incríveis 45% ! Agora é DILMA de novo,nos braços do povo !
Curtir · Responder · 12 de outubro de 2014 às 15:08

(34) [redacted] Pois é: esse PSDB, é mesmo de políticos corruptos inpunes, Q se acham donos do país! Sentiram na pele, a dor de igualdade no povo brasileiros.Mas,como tem pobres Q odeiam pobres, quanto mais quem nasceu em berço de ouro! Vamos lá pé na tábua e vamos votar na Dilma!13!
Curtir · Responder · 5 · 10 de outubro de 2014 às 15:24

Nas sequências discursivas de 29 a 34, há o funcionamento do efeito-sentido de petismo nas eleições de 2014. As formulações linguísticas “Eu sou mais Dilma Voto 13”, da sequência discursiva 30, “devo isso ao PT de Lula e Dilma”, da sequência 31, “a nossa presidenta”, da materialidade linguística 32, “Agora é DILMA de novo, nos braços do povo!”, da materialidade 33 e “Vamos lá pé na tábua e vamos votar na Dilma! 13!”, da sequência 34, indicam o efeito-sentido da posição-sujeito de eleitor petista.

As formulações “Olha só quem fazia faculdade era o filho do rico hoje todos que querem fazem uma faculdade,”, da sequência discursiva 29 e a formulação “Eu sou Acadêmico do curso de licenciatura em Ciências da Natureza e, devo isso ao PT de Lula e Dilma que colocaram a UNIPAMPA aqui dentro da minha casa em Dom Pedrito”, da materialidade linguística 31, indicam os efeitos-sentido de que: i) antes do governo do PT, apenas os ricos tinham a oportunidade de inserir em uma Universidade; ii) com o governo do PT surgiu a oportunidade de o cidadão pobre inserir em uma Universidade .

Da posição-sujeito de eleitor petista, funciona o efeito-sentido de acusações e de ofensas à posição-sujeito de eleitor antipetista ou do PSDB, o que é possível observar nas seguintes formulações: “estes filas da putas mascaram o Brasil hoje”, da sequência discursiva 29; “Mais corrupto que o Aecim Cachaça e Pó tá de difícil de encontrar! Suas obras são dois aeroportos nas fazendas de familiares com dinheiro público e agora vem a público mais uma tramóia, envolvendo pagamento de dívidas da Rede GROBU com a empresa estatal mineira

CEMIG!", "A Suíssa, a França e a Alemanha já cansaram de mandar documentação comprobatória do TRENSALÂO, METROGATE, PROPINODUTO", da sequência 32; "O seu partido [redacted] é formado de gangsters, mafiosos e todo tipo de canalhas! Que há 20 anos assalta o estado de São Paulo! Durante 8 anos entregaram nossas empresas e enfiaram o butim no rabo, ou melhor nos paraísos ficais! elevaram a taxa SELIC a incríveis 45%", da sequência discursiva 33; e "esse PSDB, é mesmo de políticos corruptos impunes", da sequência 34. Ainda na sequência discursiva 34, a formulação "nasceu em berço de ouro!" indica o funcionamento do efeito-sentido de que o PSDB é um partido formado por pessoas que, desde o nascimento, são ricas.

Observado o efeito-sentido de petismo nas eleições de 2014, analisamos, a seguir, sequências discursivas, veiculadas no *Facebook*, nas quais funciona o efeito-sentido de antipetismo. Vejamos:

(35) [redacted] olha.... nao conheço ninguem aqui tirando a [redacted]... mas acredito que pra odiar o PT nem precisa entender de politica... é só ver como são chatos os petistas... o raça chata da porra [...]
10 de outubro de 2014 às 11:40 · Curtir · 3

(36) [redacted] eu voto contra a dilma pq sou aa favor do trabalhador honesto e contra esse partido pt que apoi a corrupção num adianta vcs vaum toma uma lavada.
Curtir · 1 · 15 de outubro de 2014 às 12:24

(37) [redacted] Entenda meu filho, fiquem vcs com a DIlma e nos deixem em paz! Não queremos PT nos governando! Deu prá entender ou quer que desenhe???
Curtir 31 de outubro de 2014 às 18:19

(38) [redacted] Kkkkkk isso é piada, faz 12 Anos que os brasileiros são roubados descaradamente pela corja de ladrões do PT!. Fora Dilma, fora Lula, fora PT.....vão logo pra Cuba e esqueçam que o Brasil existe. Cambada de ladrões!!
Curtir · Responder · 1 · 13 de outubro de 2014 às 19:31

(39) 25 de outubro de 2014 ·
Todos preparados para demitir Dilma amanhã?
Curtir Comentar
Compartilhar
Mais relevantes
142 pessoas curtiram isso.
1 compartilhamento

(40) [redacted] Basta uma pessoa equilibrada ler os documentos do partido para se posicionar contra ele."
Curtir · Responder · 2 · 24 de novembro de 2014 às 12:23

(41) [redacted] Vou morrer contrário a esses PULHAS [redacted] Esso modelo nunca me enganou.... rsss”
Curtir · Responder · 1 · 30 de outubro de 2014 às 09:56

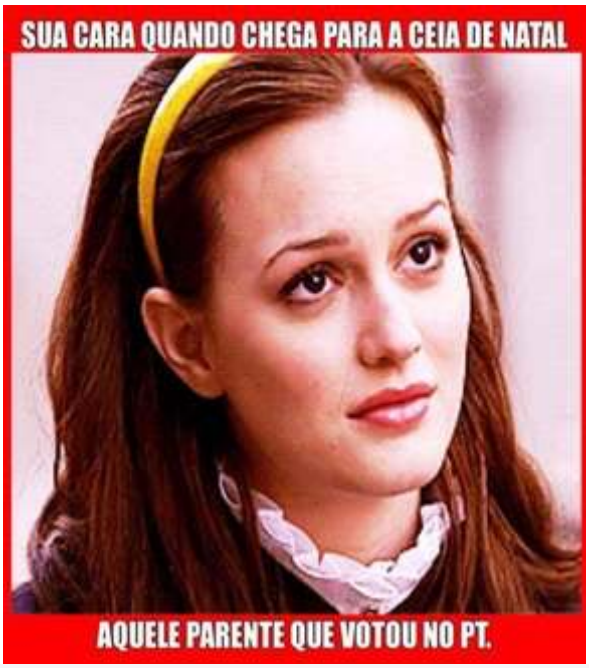
Pêcheux (1983b, p. 53) afirma que “todo enunciado é intrinsecamente suscetível se tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro.” As sequências discursivas “pra odiar o PT nem precisa entender de politica...”; “eu voto contra a dilma pq sou [...] contra esse partido pt”; “vcs vaum toma uma lavada.”; “fiquem vcs com a Dilma”; “Não queremos PT nos governando!”; “Fora Dilma, fora Lula, fora PT”; “Todos preparados para demitir Dilma amanhã?”; “Basta uma pessoa equilibrada ler os documentos do partido para se posicionar contra ele.”; e “Vou morrer contrário a esses PULHAS”, das sequências discursivas 35, 36, 37, 38, 39, 40 e 41, respectivamente, indicam o funcionamento da posição-sujeito de eleitor antipetista que se contra identifica com a posição-sujeito de eleitor petista.

As sequências discursivas “é só ver como são chatos os petistas... o raça chata da porra”, da sequência discursiva 35; “faz 12 Anos que os brasileiros são roubados descaradamente pela corja de ladrões do PT!”, “Cambada de ladrões!!”, da sequência 38; “esses PULHAS”, da sequência discursiva 41, indicam que o efeito-sentido produzido na posição-sujeito de eleitor antipetista é também de acusações e de ofensas à posição-sujeito de eleitor pestista.

As sequências discursivas 42 a 47, apresentadas abaixo, também são atravessadas pelo efeito-sentido de antipetismo.

A sequência 42 consiste em *post* extraído de um grupo do *Facebook* e as sequências 43, 44, 45, 46 e 47 são comentários desse *post*. Vejamos:

(42)
22 de dezembro de 2014 ·



Curtir Comentar
Compartilhar
Mais relevantes
1.332 pessoas curtiram isso.
546 compartilhamentos

(43) [redacted] Vai comer na cadeia. Petista na minha mesa nunca. Vai comer com a corja que ele votou menos comigo. Curtir · Responder · 7 · 22 de dezembro de 2014 às 19:20

(44) [redacted] Pode ate ser natal, e o espirito natalino nao me toca quando se trata de petista.. mando comer pão com mortadela e na cozinha kkkk.
Curtir · Responder · 9 · 22 de dezembro de 2014 às 19:15

(45) [redacted] Na real eu nem cumprimento vai que é doença.
Curtir · Responder · 7 · 22 de dezembro de 2014 às 19:02

(46) [redacted] graças a deus na minha familia Ninguém votou no pt, TODOS votaram no aecio 45, graças!! Curtir · Responder · 2 · 24 de dezembro de 2014 às 01:26

(47) [redacted] Ninguém da minha família votou no PT, nem pais, nem tios, nem avós, nem primos. Amém!"
Curtir · Responder · 25 de dezembro de 2014 às 22:04

A feição de desgosto no rosto apresentado na imagem da sequência 42 e as formulações "Vai comer na cadeia. Petista na minha mesa nunca. Vai comer com a corja que ele votou menos comigo", da sequência 43; "quando se trata de petista mando comer pão com mortadela e na cozinha", da sequência 44; "eu nem cumprimento vai que é doença", da sequência 45; "graças a deus na minha familia Ninguém votou no pt", da sequência 46; e "Ninguém da minha

família votou no PT, nem pais, nem tios, nem avós, nem primos. Amém!", da sequência 47, indicam o efeito-sentido de discriminação da posição-sujeito de eleitor antipetista, em relação à posição-sujeito de eleitor petista, àqueles que se identificam com essa posição.

Os efeitos-sentido produzidos pela/na posição-sujeito de sujeito petista e pela/na posição-sujeito de sujeito antipetista atravessam o acontecimento discursivo das eleições de 2014 que resulta, no que Pêcheux (1983b) denomina de *encontro de uma atualidade e de uma memória que desestabiliza o que está posto e provoca um novo vir a ser, reorganizando o espaço da própria memória que ele convoca.* Isto se justifica porque o sujeito de linguagem (sujeito discursivo que nos interessa ou posição-sujeito), marcado nas materialidades significantes, é descentrado, afetado pelo real da língua e pelo real da história, e, por isso, não tem controle do modo como as materialidades significantes o afetam no jogo de disputa.

Isto posto, passamos à análise, no tópico 4.6, de sequências discursivas que são atravessadas pelo efeito-sentido de divisão do Brasil entre a posição-sujeito de eleitor petista e a posição-sujeito de eleitor antipetista.

4.6 Efeitos-sentido da divisão do Brasil entre a posição-sujeito de eleitor petista e a posição-sujeito de eleitor antipetista nas eleições de 2014

Nesse gesto de interpretação em que tomamos o sentido como *efeito*, o sujeito como *posição* e, portanto, também como *efeito*, e a materialidade significante como aparente e opaca, mostramos a contradição constitutiva (de qualquer discurso) no discurso de divisão (re)produzidos e atualizados no saber da posição-sujeito de eleitor petista e da posição-sujeito de eleitor antipetista que atravessam o acontecimento das eleições presidenciais de 2014, num jogo/disputa. Vejamos a descrição/interpretação das sequências discursivas, a seguir:

(48)

26 de outubro de 2014 ·

Curtir · Comentar ·
Compartilhar
Principais comentários
58 pessoas curtiram isso.
49 compartilhamentos

A sequência discursiva 48 (linguístico-imagética) é constituída pela imagem de um mapa do Brasil dividido em duas partes por uma linha vermelha, indicando a divisão do país em Norte (que inclui norte/nordeste) e Sul (que inclui o centro-oeste/sul/sudeste), e pelas formulações linguísticas "Vamos respeitar os eleitores do PT e mandar Dilma só pra eles" e "Muro já". Nessa sequência, podemos identificar o funcionamento do efeito-sentido de divisão geográfica do Brasil, que atravessa as materialidades significantes analisadas no capítulo 3, mas funciona, também, o efeito-sentido de divisão do país entre petismo e antipetismo (re)produzido pelas posições-sujeito de eleitor petista e de eleitor antipetista. Nesse efeito-sentido, o Brasil se divide entre Norte e Sul, indicando os lugares de funcionamento das duas posição-sujeito de eleitores: petista e antipetista.

Na formulação "Vamos respeitar os eleitores do PT e mandar Dilma só pra eles" funciona um efeito de ironia no qual respeitar não significa aceitar que, por meio do voto democrático, o eleitor X optou pela candidata do PT, eleita nas Eleições Presidenciais de 2014, mas impor uma divisão na qual os eleitores do PT da parte Norte (norte/nordeste) do Brasil,

supostos responsáveis pela vitória de Dilma Rousseff, fiquem com “Dilma só pra eles”. Nessa divisão, a parte Sul (centro-oeste/sul/sudeste) do Brasil não é representada pela posição-sujeito de eleitor antipetista.

O efeito de divisão entre Norte/Nordeste e Sul/Sudeste não é geográfica, mas sim uma divisão entre duas posições com as quais os eleitores, independentemente da classe social, região e nível de escolaridade, se identificam e se contra identificam, como pode ser observado em outras materialidades significantes, retiradas de páginas pessoais ou de grupos no *Facebook*.

(49) 11 min
Não querendo ser “racista”, mas TINHA Q SER A PORCARIA DO NORDESTE! Pq ngm joga um nuclear nessas cabeças enormes porém vazias? Curtir · Comentar · Compartilhar
17 pessoas curtiram isso.

(50) [redacted] Uma corja de sem noção querendo ser melhor que nós Nordestinos, acho até graça.... O nordeste é lugar de cabra trabalhador pras banda do sul e sudeste só tem cabra safado, um monte de desocupados!”
27 de outubro de 2014 às 09:44 · Curtir · 3

(51) [redacted]
50 min Editado
Tinha q ser o Norte e o Nordeste pra cagar com a eleição mesmo... acho que o Brasil podia ser dividido... deixa a Dilma la pra eles!! [...].
Curtir · Comentar · Compartilhar
15 pessoas curtiram isso.
12 Compartilhamentos

(52) [redacted] Morra, somos bons em tudo, vcs que vivem em nossa custa cabada de preguiçosos, pra seus governo nos nordestinos saímos sim do nordeste mas o NORDESTE não sair de nós.e bom que dividi mesmo, voces vão morrer de fome, e nós nao TEMOS BOLSA, SENAI KKKKKKKKKK INCOMPETENTES. 27 de outubro de 2014 às 00:53 · Curtir · 1

(53) [redacted]
há 7 min
Como é que se faz pra se separar do nordeste?
26 curtidas 17 comentários

(54) [redacted] Cara ninguem merece esses recalcados do sul/sudeste..sabe o que e isso?inveja do nosso NORDESTE maravilhoso....separar essa regiao de vcs da nossa seria um sonho..” 26 de outubro de 2014 às 23:28 · Curtir · 2

(55) [redacted] [...] eles falam assim do nordeste mais geralmente a mãe deles já pegou um nordstino.
26 de outubro de 2014 às 23:46 · Curtir · 1

(56) [redacted] é fácil, coloca uma corda no pescoço e morre, safado! [...]
27 de outubro de 2014 às 10:48 · Curtir · 2

(57) [redacted] Vai juntar água para tomar banho besta.
27 de outubro de 2014 às 20:02 · Curtir · 1

(58) [redacted] moraaaaaaaaaaaa e va pa o inferno
29 de outubro de 2014 às 23:39 · Curtir · 1

As formulações “Uma corja de sem noção querendo ser melhor que nós Nordestinos, “O nordeste é lugar de cabra trabalhador pras banda do sul e sudeste só tem cabra safado, um monte de desocupados!”, “Morra, somos bons em tudo, vcs que vivem em nossa custa cabada de preguiçosos”, “INCOMPETENTES.”, “ninguem merece esses recalcados do sul/sudeste”, “separar essa regiao de vcs da nossa seria um sonho..”, “eles falam assim do nordeste mais geralmente a mãe deles já pegou um nordestino”, “coloca uma corda no pescoço e morre, safado!”, “Vai juntar água para tomar banho besta.”, e “moraaaaaaaaaaaa e va pa o inferno”, das sequência 50, 52, 54, 55, 56 e 57 e 58, respectivamente, indicam que, identificando-se com a posição-sujeito de eleitor petista, o eleitor do Norte/Nordeste se defende e ataca com o contra-discurso de ofensa e discriminação.

Nas sequências discursivas 49, 51 e 53, respectivamente, as formulações “Não querendo ser “racista”, mas TINHA Q SER A PORCARIA DO NORDESTE! Pq ngm joga um nuclear nessas cabeças enormes, porém vazias?”, “Tinha q ser o Norte e o Nordeste pra cagar com a eleição mesmo... acho que o Brasil podia ser dividido... deixa a Dilma la pra eles!!”, e “Como é que se faz pra se separar do Nordeste?” indicam o funcionamento da posição-sujeito de eleitor antipetista que também se defende e ataca a posição-sujeito de eleitor petista, por meio do contra-discurso de ofensa e discriminação. Os indivíduos enunciam a partir das posições-sujeito de eleitor e regiões com as quais se identificam. Vejamos as sequências discursivas 59 a 63:

(59) [redacted]
26 de outubro de 2014
Uruuul
Ainda bem que Dilma ganhou. É bom que fico ganhando meu bolsa família por mais 4 anos. Votei em Dilma, reclamou eu votei 2 vezes.
Curtir · Comentar
33 pessoas curtiram isso

(60) [redacted] Por isso que são paulo ta uma desgraça ! Qualquer lugar que olhe tem um bahiano pião estragando a cidade”
27 de outubro de 2014 às 12:02 · Curtir · 1

(61) [redacted] raça do caralho fodeu com SP”
27 de outubro de 2014 às 15:29 · Curtir

(62) [redacted] todo o bandidinho tem parentesco de baiano aqui PQP”
27 de outubro de 2014 às 15:29 · Curtir

(63) [redacted] Ô F, são paulo tá desse jeito por que ainda existe **viadinhos** do olho torto igual a você. E que nem sabe escrever. Vai se tratar, Ô resto de parição, resto de abordo, espermatozoide com defeito.”
27 de outubro de 2014 às 15:21 · Curtir · 1

No discurso que atravessa a materialidade significante da sequência 59, a vitória de Dilma Rousseff, nas Eleições Presidenciais de 2014, foi um fato bom porque assim as pessoas continuarão a receber o Bolsa Família. No discurso que atravessa as materialidades significantes das sequências 60, 61 e 62, a migração de nordestinos para o estado de São Paulo foi ruim para o desenvolvimento do Estado, logo, os nordestinos são culpados pela “desgraça” do estado de São Paulo, o que pode ser observado em: “Qualquer lugar que olhe tem um bahiano pião estragando a cidade”; “raça do caralho fodeu com SP”; “todo o bandidinho tem parentesco de baiano aqui PQP”. A sequência 63 é atravessada também por um contradiscurso de efeito ofensivo e discriminatório: “são paulo tá desse jeito por que ainda existe viadinhos do olho torto igual a você. E que nem sabe escrever”.

Ressaltamos que o indivíduo pode morar na região Norte/Nordeste e se identificar com a posição-sujeito de eleitor antipetista ou pode morar na região Sul/Sudeste e se identificar com a posição-sujeito de eleitor petista. Isso pode ser observado no contra-discurso materializado nas sequências discursivas, a seguir:

(64) [redacted] Eu tambem sou nordestina e nem por isso votei na dona Dilma sabe porque? eu sei o que passei dentro da minha casa com 3 bandidos fortemente armados e só não fez nada com agente porque nós ficamos bem quitinhos e eu rezei muito vc sabe o que é isso?.
26 de outubro de 2014 às 20:23 · Curtir · 2

(65) [redacted] Hum eu so do nordeste e votei em aecio [...]
5 de novembro de 2014 às 11:14 · Curtir · 1

(66) [redacted] Não sou nordestina, não recebo bolsas, mas sou PT. Com orgulho.
Curtir · Responder · 4 · 27 de outubro de 2014 às 21:16

A formulação “Eu tambem sou nordestina e nem por isso votei na dona Dilma”, da sequência linguística 64, e a formulação “eu so do nordeste e votei em aecio”, da sequência 65, indicam que nem todo eleitor nordestino votou no PT, ou se identificou com a posição-sujeito de eleitor petista, mas com a posição-sujeito de eleitor antipetista. A expressão “Não sou nordestina, não recebo bolsas, mas sou PT. Com orgulho.”, da materialidade 66, indica que eleitores que não são da região Nordeste e que não são beneficiadas pelos programas de assistencialismo social também votaram no PT, ou seja, identificaram-se com a posição-sujeito de eleitor petista.

4.7 Considerações finais

Os resultados do nosso gesto de interpretação (batimento entre descrição/interpretação) das sequências discursivas analisadas indicam que o Brasil não emergiu dividido nas Eleições de 2014. As redes de memória, como postula Pêcheux (1983b), possibilitam a retomada de discursos atualizando-os à historicidade do acontecimento discursivo. Dessa forma, nas Eleições de 2014, o efeito de divisão que já se mostrava em eleições presidenciais anteriores, desde 1989, foi atualizado, reconfigurado e massificado pelas novas mídias, em nosso caso de análise, o *Facebook*. A grande quantidade de internautas no Brasil, no ano de 2014, e a polarização política entre os candidatos Dilma Rousseff e Aécio Neves, contribuiu para uma grande repercussão das Eleições presidenciais de 2014. Nessa repercussão, o acontecimento, isto é, o fato novo, ou a atualidade do efeito de divisão, que surge nas eleições de 2014 é a divisão do Brasil entre duas posições-sujeito de eleitor: petista e antipetista que produziram/produzem efeito de ataque e de contra-ataque com ofensas discriminatórias recíprocas. Nesse efeito de divisão, o Brasil aparece dividido geograficamente entre Norte/Nordeste, atribuído à posição-sujeito de eleitor petista, e Sul/Sudeste, atribuída à posição-sujeito de eleitor antipetista. Mas isto não significa que todo eleitor do Norte/Nordeste se identifica com a posição-sujeito de eleitor petista e nem que todo eleitor do Sul/Sudeste se identifica com a posição-sujeito de eleitor antipetista.

Observamos, como base em Pêcheux (1983b), que há um embate entre as redes de memória inscritas nas posições-sujeito eleitor petista e antipetista e o acontecimento discursivo das eleições de 2014, que sob o peso de acontecimento discursivo novo, perturba a *memória que baliza o embate de forças antagônicas que lutam para desestabilizar o seu outro constitutivo: petismo/antipetismo, antipetismo/petismo*.

5 CONCLUSÃO

Na pesquisa que resultou esta dissertação, como explicitamos no primeiro capítulo, buscamos responder às seguintes questões: O Brasil emergiu dividido, das urnas, nas Eleições Presidenciais de 2014? Na discursivização da mídia sobre as Eleições Presidenciais do período da redemocratização do Brasil, quais efeitos-sentido de "divisão do Brasil" podem ser identificados?

Para responder às questões levantadas, propomos as seguintes hipóteses: i) O Brasil não surgiu, mas ressurgiu dividido nas Eleições Presidenciais de 2014; ii) Na discursivização da mídia sobre as Eleições Presidenciais de 2014, há o encontro de uma memória e de uma atualidade de efeitos-sentido sobre a "divisão do Brasil" e sobre "divisão"; iii) Na discursivização da mídia sobre as Eleições Presidenciais de 1989 a 2014, funcionam efeitos-sentido de divisão do Brasil por classe social, efeitos-sentido de divisão do Brasil por região e efeitos-sentido de divisão do Brasil entre a posição-sujeito de eleitor petista e a posição-sujeito de eleitor antipetista que produzem os efeitos de petismo e antipetismo.

O *corpus* da pesquisa foi constituído por reportagens veiculadas nas revistas de informação *Veja* e *Istoé* nos anos de 1989 a 2014 e por *posts* e comentários veiculados no *Facebook* no ano de 2014. Desse corpus, selecionamos as sequências discursivas que foram analisadas nos capítulos 2, 3 e 4 para tentar responder as questões e hipóteses levantas.

No segundo capítulo, intitulado **Memória discursiva e efeitos-sentido da divisão do Brasil por classe social**, analisamos, em sequências discursivas de textos que discursivizam sobre as Eleições Presidenciais de 1989, 2006 e 2014, o funcionamento do efeito-sentido de divisão do Brasil por classe social e a relação desse efeito-sentido com a posição-sujeito pobre, com a posição-sujeito classe média e com a posição-sujeito rico.

No terceiro capítulo, intitulado **Memória discursiva e efeitos-sentido da divisão do Brasil por região**, analisamos, em sequências discursivas de textos que discursivizam sobre as Eleições de 2006, 2010 e 2014, o funcionamento do efeito-sentido de divisão do Brasil por região e a relação desse efeito-sentido com a identificação do eleitor com as posições-sujeito a que estavam ligados os candidatos à Presidência da República.

No quarto capítulo, intitulado **Memória discursiva e efeitos-sentido da divisão do Brasil entre petismo e antipetismo**, analisamos, em sequências discursivas de textos que discursivizam sobre as Eleições de 2014, o funcionamento de efeitos-sentido de divisão do Brasil entre a posição-sujeito de eleitor petista e a posição-sujeito de eleitor antipetista, na relação de divisão do país entre Norte/Nordeste e Sul/Sudeste, mostrando a influência do

Facebook na massificação do processo de divisão do Brasil entre petismo e antipetismo nas Eleições de 2014.

As análises do segundo capítulo indicaram, na discursivização da mídia sobre as Eleições Presidenciais de 1989, 2006 e 2010, o funcionamento do efeito-sentido de divisão do Brasil por classe social. Nesse efeito-sentido, o eleitor se identifica com determinado candidato à Presidência da República a depender da posição-sujeito com a qual se identifica: posição-sujeito rico, posição-sujeito-classe média e posição-sujeito-pobre.

As análises do segundo capítulo indicaram ainda que no funcionamento da memória discursiva sobre as eleições presidenciais, ao reatualizar sentidos sobre a disputa entre candidatos em eleições presidenciáveis, há efeitos-sentido de novidade: i) apenas nas eleições de 2006, dentre as eleições pós Ditadura militar, um candidato teve apoio, quase total, das camadas mais pobres do Brasil; ii) dentre todas as eleições para presidente da República, desde as eleições de 1989 a 2006, apenas nas eleições de 2006, o voto do pobre se distancia intensamente do voto da classe média; iii) as eleições de 2014 foram as mais acirradas da história do período democrático do Brasil.

As análises do terceiro capítulo indicaram que, na discursivização da mídia sobre as Eleições Presidenciais de 2006, 2010 e 2014, funciona o efeito-sentido de divisão do Brasil por região. Nesse efeito-sentido, o eleitor se identifica com um dos candidatos à Presidência da República conforme a região geográfica e a situação econômica das regiões. Nessa divisão do Brasil, entre eleitores, por região, os eleitores das regiões Norte e Nordeste, as regiões menos desenvolvidas do Brasil, identificam-se com o candidato do PT e os eleitores das regiões Sul e Sudeste, as regiões mais desenvolvidas do Brasil, identificam-se com o candidato do PSDB ou com o candidato do PV.

As análises do terceiro capítulo indicaram ainda que a memória discursiva sobre as Eleições Presidenciais pós Ditadura Militar e anteriores às eleições de 2014 possibilita a emergência de efeitos-sentido de novidade nas Eleições Presidenciais de 2014, isto é, o efeito-sentido de que "em 2014, o Brasil viveu a eleição mais acirrada da história do seu período democrático". A apertada margem de votos, de 3,4 milhões de votos, que dá a vitória candidata Dilma Rousseff (PT), indica esse efeito-sentido de novidade.

As análises do quarto capítulo indicaram que, na discursivização da mídia sobre as Eleições Presidenciais de 2014, funciona o efeito-sentido de divisão do Brasil entre a posição-sujeito de eleitor petista e a posição-sujeito de eleitor antipetista que produzem os efeitos de petismo e antipetismo num amalgama de divisão do Brasil entre Norte/Nordeste e Sul/Sudeste. Mostramos que, na repercussão das Eleições de 2014, por meio do *Facebook,* a divisão entre

petismo e antipetismo surge como acontecimento novo dessas eleições que ajuda a massificar o discurso de divisão.

Isto posto, no nosso gesto analítico de interpretação (no batimento descrição/interpretação) das sequências discursivas parafrásticas, analisadas nos capítulos 2, 3 e 4, defendemos que o Brasil não surgiu, mas ressurgiu dividido no acontecimento das eleições de 2014, pois os efeitos de divisão funcionam e estão presentes no acontecimento das eleições presidenciais também do período de 1989 a 2010. Ressaltamos, no entanto, com base em Pêcheux (1975; 1983a; 1983b), Orlandi (1999) e Fonseca-Silva (2003; 2005; 2007a; 2007b), que nenhum discurso ou efeito-sentido se funda sobre uma memória que sustenta sempre os mesmos sentidos, pois a ordem já estabelecida está sempre no devir da inscrição de novas significações, de novos acontecimentos, o que justifica o novo sentido de divisão entre posição-sujeito de eleitor petista e posição-sujeito de eleitor antipetista, possibilidade que se apresenta por meio das lacunas, das falhas e dos furos comportados pela memória discursiva. Enfim, o funcionamento dessas duas posições-sujeito, trabalhadas no capítulo 4, e os efeitos delas decorrentes: petismo e antipetismo mostram que nenhum discurso ou efeito-sentido emerge de maneira estabilizada, mas a partir da luta pelo sentido e pelas formas de significação das práticas sociais, sempre na contradição e no embate do *mesmo* e do *outro*, onde o *outro* constitui o *mesmo*, possibilitando o efeito de diferente, de outro dizer.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos ideológicos de estado**. Lisboa: Presença 1970.

ALVES, J. E. D.; CAVENAGHIM, S. **Tendências demográficas, dos domicílios e das famílias no Brasil**, 2012. Disponível em: http://www.ie.ufrj.br/aparte/usuarios/colunista.php?apelido=JEUSTAQUIO. Acesso em: 05 de out de 2015.

AMORIM, M. A. **Posição-sujeito utópico e efeitos-sentido.** Orientadora: Maria da Conceição Fonseca-Silva. 2015. 93f. Dissertação (mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-graduação em Linguística, Vitória da Conquista, 2015. DOI: https://doi.org/10.54221/rdtdppglinuesb.2015.v3i1.67.

AMORIM, M. A.; FONSECA-SILVA, M. da C. Posição-sujeito utópico imbricada com efeitos-sentido de utopia (Subject position utopian imbricated with effects sense of utopia). **Estudos da Língua(gem)**, *[S. l.]*, v. 13, n. 2, p. 159-180, 2015. ISSN: 1982-0534. DOI: https://doi.org/10.22481/el.v13i2.1306. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1306. Acesso em: 28 dez. 2015.

BARBOSA, L. C. **Mídia e discursividade; Dilma, Lula, radicais do PT e corrupção.** orientador: Adilson Ventura da Silva; coorientadora: Maria da Conceição Fonseca-Silva. 2014. 83f. Dissertação (mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2014. DOI: https://doi.org/10.54221/rdtdppglinuesb.2014.v2i1.43. Acesso em: 20 jul. 2015.

BURCHER, N. **Facebook usage statistics by country Dec 2008 - Dec 2011**. Disponível em: http://www.nickburcher.com/2012/01/Facebook-usage-statistics-by-country.html. Acesso em: 3 de nov. de 2015. Acesso em: 03 de nov. de 2015.

CAMPEELLO e NERI. **Programa Bolsa Família**: uma década de inclusão e cidadania.

Brasília: Ipea, 2013. Disponível em: http://www.sae.gov.br/wp-content/uploads/WEB_Programa-Bolsa-Familia-2.pdf. Acesso em: 15 de set de 2015.

CONSULTOR JURÍDICO. **Partido sem causa**. Disponível em: http://www.conjur.com.br/2006-out-25. Acesso em: 15 de set. de 2015.

CONTEL, F. B.. **As divisões regionais do IBGE no século XX (1942,1970 e 1990)**. Terra Brasilis (Nova Série), 3, 2014. Disponível em: http://terrabrasilis.revues.org/990. Acesso em: 16 de out. de 2015.

CORREIA, P. M. A. R.; MOREIRA, M. F. R. Novas formas de comunicação: história do Facebook - Uma história necessariamente breve. **Revista Alceu**, PUC-Rio, v. 14, n. 28, Jan/jun.2014. Disponível em: http://revistaalceu.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home. Acesso em: 16 de out. de 2015.

ELEIÇÕES 2010. **Folha de São Paulo**. Disponível em: http://eleicoes.folha.uol.com.br/2010/2turno/apuracao-presidente.shtml. Acesso em: 05 de out. de 2015.

ELEIÇÕES 2014. **Folha de São Paulo**. Disponível em: http://eleicoes.folha.uol.com.br/2014/2turno/presidente/br.shtml. Acesso em: 05 de out. de 2015.

FONSECA-SILVA, M. C. Materialidades Discursivas: A fronteira ausente (Matérialités Discursives: La frontiere absente). **Estudos da Língua(gem)**, *[S. l.]*, v. 1, n. 1, p. 91-97, 2005. ISSN: 1982-0534. DOI: https://doi.org/10.22481/el.v1i1.982. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/982. Acesso em: 20 mar. 2015.

FONSECA-SILVA, M. C. **Os discursos do cuidado de si e da sexualidade em *Claudia*, *Nova* e *Playboy***. Orientador: Sírio Possenti. 354 págs. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas, Campinas, 2003.

FONSECA-SILVA, M. C. Mídia e Lugares de Memória Discursiva. In: FONSECA-SILVA, M. da C; POSSENTI, S. (Org.). **Mídia e Rede de Memória**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007a. p. 11-37.

FONSECA-SILVA, M. C. **Poder-Saber-Ética nos Discursos do Cuidado de Si e da Sexualidade**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007b.

FONSECA-SILVA, M. C. Funcionamento discursivo e cenas validadas de escândalos na esfera do poder político. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 193-203, set.-dez. 2009. Disponível em: http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N3_15.pdf. Acesso em: 01 nov. 2015.

FONSECA-SILVA, M. C. Memória, mulher e política: do governo das capitanias à presidência da república, rompendo barreiras. In: **Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas**. TASSO, I.; NAVARRO, P. (Org.). Maringá: Eduem, 2012. Disponível em: https://books.scielo.org/id/hzj5q/pdf/tasso-9788576285830-09.pdf. Acesso em: 15 jul. 2015.

FONSECA-SILVA, M. C. Língua, memória discursiva e efeitos de sentido. In: PETRI, V.; DIAS, C. **Análise de Discurso em perspectiva**: teoria, método e análise. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. Edição original: 1969.

FOLHA ONLINE. **Eleições 2006**. Disponível em: http://eleicoes.folha.uol.com.br/folha/especial/2006/eleicoes/presidentes2.html. Acesso em: 15 de set. de 2015.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Eleições 2014**. Disponível em: http://eleicoes.folha.uol.com.br/2014/2turno/presidente/br.shtml. Acesso em: 15 de set. de 2015.

GUIMARÃES, F. M. S. **Divisão Regional do Brasil.** Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 1942. 49 p. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20%20RJ/divisaoregionalbrasil.pdf. Acesso em: 01 de out. de 2015.

GUERRA, I. T. O problema da divisão regional do Brasil. Evolução dos conhecimentos. As diversas divisões regionais. A moderna tendência seguida pelo Instituto Brasileiro de Geografia". In: **Boletim Geográfico** no. 202. 1968. pp. 59-62. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/19/bg_1968_v27_n202_jan_fev.pdf. Acesso em: 01 de out. de 2015.

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da "Análise automática do discurso" de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1993. p. 13-38.

IBGE. **Divisão do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas**. Vol I. Rio de Janeiro: Fundação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (FIBGE). Diretoria de Geociências (DGC) e Departamento de Geografia (DEGEO). Rio de Janeiro. 1990. 137 p. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20%20RJ/DRB/Divisao%20regional_v01.pdf. Acesso em: 05 de out. de 2015.

IBGE. **Sinopse do Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49230.pdf. Acesso em: 05 de out. de 2015.

MACHADO, M. N. **Memória, relações de poder e corrupção política no Brasil: o escândalo do mensalão como acontecimento discursivo.** Orientadora: Maria da Conceição Fonseca-Silva. 2013. 118f. Dissertação. (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2013. Disponível em: http://www2.uesb.br/ppg/ppgmls/wp-content/uploads/2017/06/Dissert-Marcelo-Nogueira-Machado.pdf . Acesso em: 20 out. 2015.

MATTOSO, C. L. Q. Classes sociais e o comportamento das classes C e D: um levantamento bibliográfico. **Revista de Ciências Humanas**, UFV, v. 4, n. 2, p. 127-138, dez. 2004. Disponível em: http://www.cch.ufv.br/revista/pdfs/artigo7vol4-2.pdf. Acesso em: 15 jan. 2016.

MENDES JR, A.; PEDRO, A.; VASCOLNCELOS, Gilberto F; RONCARI, Luiz; WISSENBACH, Maria Cristina Cortez; MARANHÃO, Ricardo. Os Fundamentos da Colonização. In: MENDES JR, Antonio; RONCARI, Luiz; MARANHÃO, Ricardo (Org.). **Brasil História - Texto e Consulta - Colônia**. São Paulo: Editora Hucitec, 1991.

ORLANDI, E. P. **Interpretação: autoria e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos.** Campinas: Editora Pontes, 2003. Edição original: 1999.

ORLANDI, E. P. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso (Michel Pêcheux et l'Analyse de Discours). **Estudos da Língua(gem)**, *[S. l.]*, v. 1, n. 1, p. 9-13, 2005. ISSN: 1982-0534. DOI: https://doi.org/10.22481/el.v1i1.973. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/973. Acesso em: 15 set. 2015.

OLIVEIRA, J. C. M. M. de. **Memória, corrupção, espetacularização e efeitos de memória**. Orientadora: Maria da Conceição Fonseca-Silva. 2013. 101f. Dissertação. (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.Vitória da Conquista, 2013. http://www2.uesb.br/ppg/ppgmls/wp-content/uploads/2017/06/Dissert-José-Carlos-Melo-Miranda-de-Oliveira.pdf . Acesso em: 20 out 2015.

PÊCHEUX, M. Língua, "Linguagens", Discurso. In: _____. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi. Campinas/SP: Pontes, 2012. p. 121-130. Edição original: 1971.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1997. p. 61-161. Edição original: 1969.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (Org.). **Papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. 2. Ed. Campinas: Pontes Editores, 2007. Edição original: 1983a.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução Eni Pulccinelli Orlandi. - 2ª edição – Campinas, SP: Pontes, 1997. Edição original: 1983b.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988. Edição original: 1975.

PORTAL G1. **Brasil é o 2º país com mais usuários que entram diariamente no Facebook**. Disponível em: http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/09/brasil-e-o-2-pais-com-mais-usuarios-que-entram-diariamente-no-Facebook.html. Acesso em: 03 de nov. de 2015.

PÊCHEUX, M. **Oito a cada dez internautas do Brasil estão no Facebook, diz rede social**. Disponível em: http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/08/oito-cada-dez-internautas-do-brasil-estao-no-Facebook-diz-rede-social.html. Acesso em: 03 de nov. de 2015.

PÊCHEUX, M. **A Eleição em números: dados e infográficos sobre o processo eleitoral**. Disponível em: http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/blog/eleicao-em-numeros/post/brasil-tem-eleicao-para-presidente-mais-apertada-desde-1989.html. Acesso em: 15 de out. de 2015.

PRADO, C.O. **Memória e mulher que atua nas esferas do poder político: tensão entre lugares de subjetivação na mídia.** Orientadora: Maria da Conceição Fonseca-Silva. 2010. 79f. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2010. Disponível em http://www.uesb.br/mestradoemmemoria/dissertacoes/Prado_CO.pdf. Acesso em: 3 mai. 2015.

SANTOS, G. L. **Corrupção, memória e o ato de julgar: o senso de justiça e o espírito de vingança no caso Collor de Mello**. Orientadora: Maria da Conceição Fonseca-Silva. 2016. 128f. Dissertação (mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2016. Disponível em: http://www2.uesb.br/ppg/ppgmls/wp-content/uploads/2017/06/Dissert.Glauber-Lacerda.pdf .

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Collor**. Disponível em: http://www.tse.jus.br/jurisprudencia/julgados-historicos/collor. Acesso em: 15 de set. de 2015.

VIGGIATO, K. D. **Memória, corrupção e o acontecimento discursivo PC Farias espetacularizado na mídia.** Orientadora: Maria da Conceição Fonseca-Silva Dissertação. 2012. 82f. (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade). Universidade Estadual do Sudoeste Da Bahia, Vitória da Conquista, 2012. Disponível em: http://www2.uesb.br/ppg/ppgmls/wp-content/uploads/2021/04/Dissertação-de-Katharinne-Dantas-Viggiato.pdf . Acesso em: 20 de out de 2014.

XAVIER, A. C. Reflexões em torno da escrita nos novos gêneros digitais da internet. **Revista Investigações – Linguística e Teoria Literária**, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), v. 18, n. 2, p. 1-13, 2005. Disponível em: http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/view/1484/1157. Acesso em: 05 jan. 2016.